

## 3º SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DA SRE POÇOS DE CALDAS

# ESTRATÉGIAS E DESAFIOS NO PLANEJAMENTO ESCOLAR:

## A MINEIRIDADE DO PLANEJAR EM EDUCAÇÃO

**Participação Especial: Prof. Dr. Celso dos Santos Vasconcellos**

Jamille Jorge Almessane (organizadora) | Edilene Mizael de Carvalho Perboni (mediadora) | Aline Jesus de Paula | Ana Paula Ferreira | Ana Paula Gilaverte | Beatriz Sales da Silva | Greice Aparecida Fernandes Carvalho | Juliana Pinheiro de Toledo Bortoloto | Rachel Tristão Silva Mattoso | Raísa Louise Reche | Renata Renier de Lima.

Revisão: Gislene Venâncio Martins De Sousa.

## 3º SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DA SRE POÇOS DE CALDAS

# ESTRATÉGIAS E DESAFIOS NO PLANEJAMENTO ESCOLAR:

## A MINEIRIDADE DO PLANEJAR EM EDUCAÇÃO

**Participação Especial: Prof. Dr. Celso dos Santos Vasconcellos**

Jamille Jorge Almessane (organizadora) | Edilene Mizael de Carvalho Perboni (mediadora) | Aline Jesus de Paula | Ana Paula Ferreira | Ana Paula Gilaverte | Beatriz Sales da Silva | Greice Aparecida Fernandes Carvalho | Juliana Pinheiro de Toledo Bortoloto | Rachel Tristão Silva Mattoso | Raísa Louise Reche | Renata Renier de Lima.

Revisão: Gislene Venâncio Martins De Sousa.

**EDITORA CHEFE**

Prof<sup>o</sup> Me. Isabele de Souza Carvalho

**EDITOR EXECUTIVO**

Nathan Albano Valente

**ORGANIZADORA DO LIVRO**

Jamille Jorge Almessane

**PRODUÇÃO EDITORIAL**

Seven Publicações Ltda

**EDIÇÃO DE ARTE**

Alan Ferreira de Moraes

**EDIÇÃO DE TEXTO**

Natan Bones Petitemberte

**BIBLIOTECÁRIA**

Bruna Heller

**IMAGENS DE CAPA**

AdobeStok

**ÁREA DO CONHECIMENTO**

Ciências Humanas

**EVENTO PROMOVIDO PELA**

Superintendência Regional de Ensino de Poços de Caldas

**SUPERINTENDENTE REGIONAL DE ENSINO**

Noêmia de Lourdes Furtado

**DIRETORA DA DIRETORIA EDUCACIONAL (DIRE)**

Ana Paula Rios dos Santos Dinali

2024 by Seven Editora

Copyright © Seven Editora

Copyright do Texto © 2024 Os Autores

Copyright da Edição © 2024 Seven Editora

O conteúdo do texto e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva da autora, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Seven Publicações Ltda. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos a autora, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Seven Publicações Ltda é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação.

Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.



O conteúdo deste Livro foi enviado pela autora para publicação de acesso aberto, sob os termos e condições da Licença de Atribuição Creative Commons 4.0 Internacional

## CORPO EDITORIAL

### EDITORA-CHEFE

Prof<sup>o</sup> Me. Isabele de Souza Carvalho

### CORPO EDITORIAL

Pedro Henrique Ferreira Marçal - Vale do Rio Doce University  
Adriana Barni Truccolo - Universidade Estadual do Rio Grande do Sul  
Marcos Garcia Costa Morais - Universidade Estadual da Paraíba  
Mônica Maria de Almeida Brainer - Instituto Federal de Goiás Campus Ceres  
Caio Vinicius Efigenio Formiga - Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Egas José Armando - Universidade Eduardo Mondlane de Moçambique  
Ariane Fernandes da Conceição - Universidade Federal do Triângulo Mineiro  
Wanderson Santos de Farias - Universidade de Desenvolvimento Sustentável  
Maria Gorete Valus - Universidade de Campinas  
Luiz Gonzaga Lapa Junior - Universidade de Brasília  
Janyel Trevisol - Universidade Federal de Santa Maria  
Irlane Maia de Oliveira - Universidade Federal de Mato Grosso  
Paulo Roberto Duailibe Monteiro - Universidade Federal Fluminense  
Luiz Gonzaga Lapa Junior - Universidade de Brasília  
Janyel Trevisol - Universidade Federal de Santa Maria  
Yuni Saputri M.A - Universidade de Nalanda, Índia  
Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí, CEAD  
Anderson Nunes Da Silva - Universidade Federal do Norte do Tocantins  
Adriana Barretta Almeida - Universidade Federal do Paraná  
Jorge Luís Pereira Cavalcante - Fundação Universitária Iberoamericana  
Jorge Fernando Silva de Menezes - Universidade de Aveiro  
Antonio da Costa Cardoso Neto - Universidade de Flores Buenos Aires  
Antônio Alves de Fontes-Júnior - Universidade Cruzeiro do Sul  
Alessandre Gomes de Lima - Faculdade de Medicina da Universidade do Porto  
Moacir Silva de Castro - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
Marcelo Silva de Carvalho- Universidade Federal de Alfenas  
Charles Henrique Andrade de Oliveira - Universidade de Pernambuco  
Telma Regina Stroparo - Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Valéria Raquel Alcantara Barbosa - Fundação Oswaldo Cruz  
Kleber Farinazo Borges - Universidade de Brasília  
Rafael Braga Esteves - Universidade de São Paulo  
Inaldo Kley do Nascimento Moraes - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Mara Lucia da Silva Ribeiro - Universidade Federal de São Paulo

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

A448s Almessane, Jamile Jorge.

3º SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DA SRE POÇOS DE CALDAS [recurso eletrônico] : ESTRATÉGIAS E DESAFIOS NO PLANEJAMENTO ESCOLAR / Jamile Jorge Almessane. – São José dos Pinhais, PR: Seven Editora, 2024.

Dados eletrônicos (1 PDF).

ISBN 978-65-6109-022-3

1. Educação – congressos, seminários etc.  
2. Planejamento escolar. 3. Escolas. 4. Educação – Poços de Caldas (MG). I. Título.

CDU 37(061.3)

**Índices para catálogo sistemático:**

1. CDU: Educação 37
2. CDU: congressos, seminários etc. (061.3)

**Bruna Heller** - Bibliotecária - CRB10/2348

**DOI:** 10.56238/livrosindi202433-001

**Seven Publicações Ltda**  
CNPJ: 43.789.355/0001-14  
editora@sevenevents.com.br  
São José dos Pinhais/PR

## **DECLARAÇÃO DA AUTORA**

A autora deste trabalho DECLARA, para os seguintes fins, que:

Não possui nenhum interesse comercial que gere conflito de interesse em relação ao conteúdo publicado;

Declara ter participado ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente nas seguintes condições: "a) Desenho do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação dos dados; b) Elaboração do artigo ou revisão para tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão";

Certifica que o texto publicado está completamente livre de dados e/ou resultados fraudulentos e defeitos de autoria;

Confirma a citação correta e referência de todos os dados e interpretações de dados de outras pesquisas;

Reconhece ter informado todas as fontes de financiamento recebidas para realizar a pesquisa;

Autoriza a edição do trabalho, incluindo registros de catálogo, ISBN, DOI e outros indexadores, design visual e criação de capa, layout interno, bem como seu lançamento e divulgação de acordo com os critérios da Seven Eventos Acadêmicos e Editora.

## **DECLARAÇÃO DA EDITORA**

A Seven Publicações DECLARA, para fins de direitos, deveres e quaisquer significados metodológicos ou legais, que:

Esta publicação constitui apenas uma transferência temporária de direitos autorais, constituindo um direito à publicação e reprodução dos materiais. A Editora não é co-responsável pela criação dos manuscritos publicados, nos termos estabelecidos na Lei de Direitos Autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; O(s) autor(es) é(são) exclusivamente responsável(eis) por verificar tais questões de direitos autorais e outros, isentando a Editora de quaisquer danos civis, administrativos e criminais que possam surgir.

Autoriza a **DIVULGAÇÃO DO TRABALHO** pelo(s) autor(es) em palestras, cursos, eventos, shows, mídia e televisão, desde que haja o devido reconhecimento da autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial, com a apresentação dos devidos **CRÉDITOS** à **SEVEN PUBLICAÇÕES**, sendo o(s) autor(es) e editora(es) responsáveis pela omissão/exclusão dessas informações;

Todos os e-books são de acesso aberto, portanto, não os venda em seu site, sites parceiros, plataformas de comércio eletrônico ou qualquer outro meio virtual ou físico. Portanto, está isento de transferências de direitos autorais para autores, uma vez que o formato não gera outros direitos além dos fins didáticos e publicitários da obra, que pode ser consultada a qualquer momento.

Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições públicas de ensino superior, conforme recomendado pela CAPES para obtenção do Qualis livro;

A Seven Eventos Acadêmicos não atribui, vende ou autoriza o uso dos nomes e e-mails dos autores, bem como de quaisquer outros dados deles, para qualquer finalidade que não seja a divulgação desta obra, de acordo com o Marco Civil da Internet, a Lei Geral de Proteção de Dados e a Constituição da República Federativa.

Mesa-redonda, composta pelas professoras, coordenadoras, especialistas e analistas da educação da Superintendência Regional de Ensino de Poços de Caldas, acerca das potencialidades e desafios da educação mineira sob a perspectiva dos estudos sobre Planejamento do Professor Dr. Celso dos Santos Vasconcellos, mediada pela Analista Educacional, Edilene Mizael de Carvalho Perboni.

Poços de Caldas, 16 de outubro de 2023.

## AGRADECIMENTOS

Prezado Professor Celso Vasconcellos,

Foi uma grande alegria conhecê-lo, pessoalmente, no 3º Seminário de Educação da Superintendência Regional de Ensino de Poços de Caldas: “Estratégias e desafios no planejamento escolar” e ainda ter tido a oportunidade de dividir, um pouquinho, com o cientista da Educação, como suas pesquisas impactam diretamente as práticas pedagógicas de planejamento educacional na rede estadual de ensino, no sul do Estado brasileiro de Minas Gerais.

Tivemos a honra de apresentar, nesse evento, uma mesa-redonda com a temática: A “MINEIRIDADE” do Planejar em Educação. Ao usar, no tema da mesa, a expressão “MINEIRIDADE”, tivemos a comunhão pedagógica para parafrasear o ilustre escritor João Guimarães Rosa, que tanto apreciava a “MINEIRIDADE” de Minas Gerais.

Nessa mesa, mostramos um pouquinho da nossa “MINEIRIDADE” no ato de planejar, com foco em dois aspectos: nos impactos das Pesquisas do Professor Celso Vasconcellos sobre Planejamento na prática Profissional e, também, nos desafios vivenciados no exercício diário de planejar, no cargo ocupado na rede Estadual de Ensino.

Professor Celso Vasconcellos, agradecemos imensamente por ser um cientista da Educação com notável generosidade pedagógica. Suas pesquisas e descobertas sobre planejamento educacional, currículo, disciplina escolar, coordenação do trabalho pedagógico, avaliação da aprendizagem, construção do conhecimento, docência e tantas outras permeiam a prática docente e de gestão educacional, de maneira singular, em Minas Gerais. Obrigada por tudo e por tanto.

**Edilene Mizael de Carvalho Perboni**

Analista Educacional

Superintendência Regional de Ensino de Poços de Caldas  
Mediadora da mesa: A “MINEIRIDADE” do Planejar em Educação no  
evento: 3º Seminário de Educação da Superintendência Regional de Ensino de Poços de  
Caldas: “Estratégias e desafios no planejamento escolar”

## AUTORAS DO EBOOK



### **Edilene Mizael de Carvalho Perboni**

Doutora em Educação- USF/SP, Mestre em Educação-PUC Campinas, Especialização em Ed. Infantil-PUC/MG e Graduação em Pedagogia-PUC/MG.

Atua como Analista Educacional na Superintendência Regional de Ensino de Poços de Caldas.

E-mail: didisre@yahoo.com.br



### **Beatriz Sales da Silva**

Doutora em Educação, UNICAMP 2017, Mestre em Educação, UNICAMP 2010. Graduada em Pedagogia, PUC MG 2001. Pós graduação em Educação Especial, 2004, PUC MG. Pós graduação em Adolescência relações de gênero numa abordagem afetivo sexual, Newton Paiva MG, 2006.

Analista Educacional Pedagoga na Superintendência Regional de Ensino de Poços de Caldas, MG.

E-mail: beatriz.sales@educacao.mg.gov.br



### **Rachel Tristão Silva Mattoso**

Especialização em Psicopedagogia Institucional na PUC/MG e Educação Empreendedora pela UfJF e Graduação em Pedagogia-PUC/MG.

Atua como Analista Educacional \_ Inspeção Escolar, atualmente como coordenadora do Serviço Inspeção Escolar na Superintendência Regional de Ensino de Poços de Caldas.

E-mail: rachel.mattoso@educacao.mg.gov.br



### **Renata Renier de Lima**

Mestre em Gestão e Avaliação da educação Pública pela Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, Pós-graduada em Metodologia do ensino Aprendizagem em Língua Portuguesa pela Faculdade São Luís; pós-graduada em Supervisão e Inspeção Escolar pela Faculdade Claretiano; pós-graduada em Orientação Educacional pela Universidade Cândido Mendes e Licenciada em Letras pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras "Profº José Augusto Vieira". Sendo efetiva no Estado de Minas Gerais, acumula os cargos de Professora de Língua Portuguesa e Especialista da Educação. Atua há 11 anos na direção da E.E. Rui Barbosa.

E-mail: renata.renier@educacao.mg.gov.br



### **Jamille Jorge Almessane**

Licenciada (2009) e Bacharel (2010) em Geografia pela Universidade Cruzeiro do Sul - São Paulo/SP, professora efetiva de Geografia da Secretaria de Educação de Minas Gerais há 10 anos e pós-graduada em Psicopedagogia Clínica e Institucional (2021) pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - Poços de Caldas/MG. Atua como professora coordenadora do Novo Ensino Médio na Escola Estadual David Campista.

E-mail: [jamille.almessane@educacao.mg.gov.br](mailto:jamille.almessane@educacao.mg.gov.br)



### **Juliana Pinheiro de Toledo Bortoloto**

Licenciada em Pedagogia (2004) pela ASMEC - Ouro Fino/MG com habilitação em Docência dos Anos Iniciais, Matérias Pedagógicas, Administração e Supervisão Escolar. Pós-Graduada em Psicopedagogia Clínica e Institucional (2005), Docência do Ensino Superior (2006), Ensino Religioso (2010) e Educação Especial e Inclusiva (2023). Especialista de Educação Básica efetiva na Rede Estadual de Minas com 18 anos de experiência. Atua como especialista de educação no ensino fundamental anos iniciais, finais e tempo integral na Escola Estadual Professor José Castro de Araújo na cidade de Poços de Caldas – MG.

E-mail: [juliana.bortoloto@educacao.ma.gov.br](mailto:juliana.bortoloto@educacao.ma.gov.br)



### **Greice Aparecida Fernandes Carvalho**

Graduada em Matemática (2003) pela Fundação Educacional Rosemar Pimentel; Pós-Graduada em Psicopedagogia (2010) pela Faculdade de Educação São Luís; Pós-Graduada em Supervisão Escolar (2012) pela Faculdade Integrada de Jacarepaguá.

Atua como Especialista da Educação Básica na Escola Estadual José Franco desde 2013.

E-mail: [greice.carvalho@educacao.mg.gov.br](mailto:greice.carvalho@educacao.mg.gov.br)



### **Ana Paula Gilaverte**

Doutora em Educação pela Universidade Federal de São Carlos - UFSCar (2022), Mestra em Educação pela Universidade Federal de São Carlos - UFSCar (2015), Especialista em Metodologia do Ensino de História - Faculdade de Educação São Luís (2006); Licenciada em História pela Fundação Educacional de Machado - CESEP (2005). Atua como professora e coordenadora do Ensino Médio - NEM na Escola Estadual Professor Arlindo Pereira.

E-mail: [ana.gilaverte@educacao.mg.gov.br](mailto:ana.gilaverte@educacao.mg.gov.br)



### **Ana Paula Ferreira**

Mestre em Educação (UNIFAL, 2017), especialista em Direitos Humanos (UNIFESP, 2022), em Sociologia do Ensino Médio (UFSJ, 2021), em Práticas de Letramento e Alfabetização (UFSJ, 2012) e em História Contemporânea (PUC, 2009). Atualmente é supervisora pedagógica da rede estadual de ensino de Minas Gerais e participa do Plano de Recomposição da Aprendizagem (PRA).  
E-mail: ana.ferreira7@educacao.mg.gov.br



### **Raísa Louise Reche**

Licenciada em Pedagogia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - Poços de Caldas/MG (2011). Pós-graduada em Psicopedagogia (PUC Minas, 2019), e Educação Especial e Inclusiva e Neuropsicopedagogia Institucional e Clínica (Faveni, 2022). Professora regente de turma efetiva na Prefeitura Municipal de Poços de Caldas há 9 anos, e na rede estadual de Minas Gerais há 10 anos.  
E-mail: raisa.reche@educacao.mg.gov.br



### **Aline Jesus de Paula**

Licenciada (2004) em Ciências, com Habilitação em Biologia pelo Centro Universitário da Fundação Educacional de Guaxupé - UNIFEG. Pós-graduada em Ensino da Biologia pela Faveni, iniciada em 2023. Professora regente de aula efetiva nos anos finais do ensino fundamental e ensino médio em tempo integral na E.E. Deputado Jales Machado em Alterosa/MG. Tenho 18 anos de experiência em sala de aula, além de estar atuando como PCG do EMTI (professor coordenador geral do ensino médio em tempo integral).  
E-mail: aline.jesus.paula@educacao.mg.gov.br



### **Profº Dr. Celso dos Santos Vasconcellos**

Doutor em Educação pela USP; Mestre em História e Filosofia da Educação pela PUC/SP; Pedagogo, Filósofo, Pesquisador, Escritor, Conferencista, Professor convidado de cursos de graduação e pós-graduação; Foi Professor (Educação Fundamental, Ensino Médio, Ensino Superior, Pós-Graduação); Orientador Educacional, Coordenador Pedagógico e Diretor de Escola; Consultor de secretarias de educação, responsável pelo Libertad - Centro de Pesquisa; Formação e Assessoria Pedagógica  
E-mail: celsovasconcellos@uol.com.br

## APRESENTAÇÃO

A Superintendência Regional de Ensino de Poços de Caldas, há 55 anos, planeja e promove excelentes Seminários de Educação. Desde 2021, a SRE de Poços conta com o apoio do Sebrae - Serviço Brasileiro de apoio às Micro e Pequenas empresas e este, em cada edição do nosso Seminário, proporciona que os eventos contem com personalidades de renome nacional.

Nossos eventos sempre têm como objetivo promover reflexões importantes e necessárias à educação. Já discutimos sobre currículo, juventude e protagonismo, educação especial e não poderíamos deixar de falar sobre o planejamento. No ano de 2023, fomos presenteados com a presença do nosso querido Professor Celso Vasconcellos e este livro traz com muita alegria e satisfação o nosso “bate-papo” com esse estimado professor. Nossa familiaridade com o Professor Celso começou nos livros...

No ano de 2020, a Rede Estadual Mineira recebeu a tarefa de rever os Projetos Políticos Pedagógicos e a literatura do Professor Celso era de cabeceira. A rede descobriu, estudou, se apropriou e colocou em prática todas as teorias ensinadas por ele. Nesse sentido, receber o Professor Celso em Poços de Caldas e dialogar com ele foi um deleite!

Nas próximas páginas, compartilharemos com vocês um pouco da nossa experiência e do nosso contentamento através de relatos de professores, gestores, coordenadores, analistas educacionais e inspetores.

Que esses testemunhos possam incentivar a conhecer um pouco mais o trabalho do nosso querido professor! Através da mesa Mineiridades... conheçam a experiência de nossas autoras

- Aline Jesus de Paula
- Ana Paula Ferreira
- Ana Paula Gilaverte
- Beatriz Sales da Silva
- Greice Aparecida Fernandes Carvalho
- Jamille Jorge Almessane
- Juliana Pinheiro de Toledo Bortoloto
- Rachel Tristão Silva Mattoso
- Raísa Louise Reche
- Renata Renier de Lima

Mediadas pela analista educacional Edilene Mizaél de Carvalho Perboni.

Aproveito para deixar aqui nossa gratidão às professoras Gislene Venâncio Martins de Sousa pela revisão textual e Jamille Jorge Almessane pela organização deste livro.

Esperamos que possamos, com esses relatos, inspirar novas práticas através de uma teoria e relatos de experiências tão significativos.

**Ana Paula Rios dos Santos Dinali**

Diretora da Diretoria Educacional (DIRE) da Superintendência Regional de Ensino de Poços de Caldas.

## SUMÁRIO

Beatriz Sales da Silva.....	12
Rachel Tristão Silva Mattoso.....	15
Renata Renier de Lima.....	18
Jamille Jorge Almessane.....	20
Juliana Pinheiro de Toledo Bortoloto.....	23
Greice Aparecida Fernandes Carvalho.....	25
Ana Paula Gilaverte.....	28
Ana Paula Ferreira.....	31
Raísa Louise Reche.....	34
Aline Jesus de Paula.....	37
Celso dos Santos Vasconcellos.....	40
<b>REFLEXÕES SOBRE O PROCESSO DE PLANEJAMENTO - EM BUSCA DE UMA PRÁXIS TRANSFORMADORA</b>	
Fotos do 3º Seminário de Educação aa SRE Poços de Caldas.....	69

Diante do Mestre, a alegria, a partilha, a escuta!

O que aprendemos com o Professor Celso Vasconcellos?

O sentido do processo como formação.

A aplicação do seu Referencial Teórico na Experiência de criação da Escola Estadual Indígena Xucuru Kariri Warkanã de Aruanã desde 2003, entre 2018,2019,2020 durante o processo de elaboração do Projeto Político Pedagógico.

Aprendemos que, o Projeto Político Pedagógico e o Planejamento são documentos indissociáveis, com suas especificidades.

Nesta escola o Projeto Político Pedagógico existia na oralidade desde a sua criação, Nunca deixou de existir. O PPP nasce da oralidade, cresce na oralidade, caduca no papel como um documento de gaveta.

O documento se constitui da transcrição das narrativas de lideranças e professores.

Aprendemos a respeitar o processo para se chegar a escrita.

No reconhecimento do histórico da escola,

Com o histórico das legislações da Educação Escolar Indígena

Com a articulação histórica dos Movimentos Sociais e do Coletivo

Aprendemos a conceituar o Marco Referencial no chão da escola,

O Marco Filosófico e o seu caráter intercultural,

O Marco Operativo com a elaboração do Plano de Ação em plena pandemia,

Quando o Cacique Jânio Ferreira do Nascimento, Jal, cunhou o Marco Referencial :“A aldeia é a escola e a escola é a aldeia”,

Com o currículo fincado no tripé, Cultura, Tradição, Religião.

Aprendemos que o plano é provisório, o planejamento permanente.

Aprendemos, com os imprevistos, incertezas, conflitos e discontinuidades. Rupturas.

Aprendemos a importância da análise da realidade,

A construção da social da realidade,

O esforço investigativo de captar e entender a realidade,

A raiz da realidade com suas múltiplas realidades

O currículo tiroteio narrado pelas lideranças e professores.

Aprendemos que, “O Projeto Político Pedagógico é uma construção coletiva, que se propõe a resgatar o Sentido Humano, Científico e Libertador do Planejamento”.

Aprendemos com a intencionalidade, quando o Professor Celso Vasconcellos em um de seus livros, descreve a cena do Filme Uma Odisseia no Espaço, quando um do ancestral levanta uma ossada e tem a intencionalidade de usá-la como ferramenta, ele planeja a ação, característica de nós os humanos.

Aprendemos com o sentido humano de se fazer educação, com a paciência histórica que nos move e nos concede sabedoria.

Entregamos o fruto do nosso labor e suas impermanências.

## REFERÊNCIAS

VASCONCELLOS, Celso S. Planejamento: Projeto de Ensino Aprendizagem e Projeto Político Pedagógico. São Paulo: Libertad, 2000.

Filme Uma Odisseia no Espaço. Direção: Stanley Kubrick. Roteiro Arthur C. Clarke, Stanley Kubrick. Elenco: Keir Dullea, Gary Lockwood, William Sylvester  
Título original 2001: A Space Odyssey

Superintendência Regional de Ensino de Poços de Caldas  
Coordenadora do Serviço de Inspeção Escolar

Boa tarde, Edilene, Professor Celso Vasconcellos e todos/as presentes neste dia histórico para a Educação de Poços de Caldas e região!

Edilene, as pesquisas do Professor Celso Vasconcellos sempre foram e continuam sendo uma forte referência teórica em Minas Gerais, quando se fala em Planejamento.

O maior impacto dessas Pesquisas, na minha prática pedagógica, tem sido a compreensão conceitual de Planejamento, a começar pelo entendimento de que existem instâncias diferenciadas do ato de planejar na Educação.

Entender que é possível visualizarmos o Planejamento em seis níveis: Planejamento do Sistema de Educação; Planejamento da escola (isto é, o Projeto Político e Pedagógico); Planejamento Curricular; Planejamento de Ensino e Aprendizagem; Projeto de Trabalho e Planejamento Setorial, me ajuda muito como Inspetora Escolar. (Vasconcellos, 2002; pág: 95-96)

Quando se fala em Planejar em Educação, sempre somos remetidos ao Planejamento do Professor, ou seja, ao processo de Ensino e Aprendizagem, no entanto, muitos Planejamentos são feitos anteriormente e, até mesmo, posteriormente.

O Inspetor escolar, em Minas Gerais, trabalha diretamente com as Escolas Estaduais, Municipais e Privadas. Nas Escolas Estaduais, o Inspetor Escolar atua de forma mais específica em três frentes: Administrativa, Financeira e Pedagógica.

Na frente pedagógica, o planejamento ocupa um lugar central e o desafio do Inspetor escolar é alinhar a construção coletiva e participativa do Planejamento da Escola, que é o Projeto Político e Pedagógico, com o Regimento Escolar, que é um documento que traz as normativas legais que regem o funcionamento pedagógico e administrativo da Escola.

Entendo que se tratam de documentos com naturezas distintas, porém são documentos complementares. Um grande desafio na construção coletiva desses documentos é ultrapassar a discussão de qual documento é maior ou qual é mais importante na Escola e entendê-los como necessários e fundamentais para garantir o Planejamento de Ensino e Aprendizagem de forma coesa.

E, hoje, como Coordenadora do Serviço de Inspeção Escolar, vejo como desafio, para nós Inspectores, contribuir com as Escolas, de forma assertiva e articulada, no processo de construção do Projeto Político e Pedagógico e do Regimento Escolar.

Agradeço, imensamente, a oportunidade que tive, hoje, de conhecer, presencialmente, o Professor Celso Vasconcellos, de representar todos os Inspectores/as Escolares e pela confiança em ter me convidado para essa mesa tão significativa para a Educação. Edilene, você tem minha amizade, meu respeito e admiração, pois, além de ser uma profissional competente, é um ser humano formidável. Obrigada!

## REFERÊNCIAS

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. Planejamento: Projeto de Ensino-Aprendizagem e Projeto Político-Pedagógico – elementos metodológicos para elaboração e realização. 10ª ed. São Paulo: Libertad, 2002.

Boa tarde, Professora Ana Paula, Professor Celso Vasconcellos, colegas de mesa, prezados convidados, prezada Edilene!

Quero agradecer a oportunidade de estar participando desta mesa, principalmente, por estar presente neste evento para poder ouvir o Professor Celso Vasconcellos, referência nos estudos na rede estadual de ensino de Minas Gerais. Acredito que este seminário trouxe um tema bastante relevante a ser debatido – Planejamento e a Construção do Projeto Político Pedagógico. Estamos passando por grandes mudanças no sistema educacional, sobretudo, no Ensino Médio com a implementação do Novo Ensino Médio e o Tempo Integral dessa modalidade.

Além do mais, as mudanças comportamentais e de relacionamento entre os jovens, as quais foram agravadas nesse período pós-pandêmico, têm influenciado, e muito, a tomada de decisões a curto e longo prazo. E como não levar em questão essas transformações na hora de elaborar um planejamento, um projeto? Conforme ilustra o professor, “Precisamos ter coragem de olhar a nossa realidade como ela é”, pois só assim poderemos iniciar um projeto de mudanças.

Retomando o tema “Estratégias e Desafios no Planejamento Escolar”, eu, enquanto gestora escolar, entendo que o maior desafio é romper vícios construídos ao longo da história da Educação ou na própria escola. A dificuldade de toda a equipe pedagógica em aceitar mudanças e quebrar aquela famosa frase “eu sempre fiz assim e deu certo” dificulta o trabalho para articular de forma efetiva o trabalho direcionado e certo.

Desde 2019, temos recebido da SEE e SRE orientações e apoio para elaborarmos um projeto político pedagógico real, que atenda às necessidades de toda nossa comunidade escolar, atentando-se para as fragilidades e potencialidades que possam interferir no processo ensino e aprendizagem. Porém, para que isso ocorra, é necessária a participação de todos os segmentos da comunidade escolar de forma que o mesmo seja construído e executado para atender a todos, visando à qualidade. Assim, finalizo com outro desafio: fazer com que os segmentos diversos se sintam parte dessa construção efetiva do projeto da escola e como descreve Vasconcellos “o processo de planejamento participativo abre possibilidade de um maior fluxo de desejos, de esperanças e, portanto, de forças para a tão difícil tarefa de construção de uma nova prática.”

Boa tarde, obrigada!

## REFERÊNCIAS

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. Planejamento: Projeto de Ensino-Aprendizagem e Projeto Político-Pedagógico – elementos metodológicos para elaboração e realização. 10ª ed. São Paulo: Libertad, 2002.

Boa tarde a todas e todos!

É um prazer compartilhar esta mesa com o Professor Celso, com as colegas e com todos os presentes.

Estamos em Minas Gerais e carregamos a ancestralidade da luta por nossos direitos. Historicamente, fazer uma revolução nunca nos intimidou. E um Novo Ensino Médio nos abre a possibilidade de repensarmos o que está sendo ofertado e de o adequarmos para que seja mais condizente com os Projetos de Vida dos estudantes. Para isso, todos nós da Educação temos buscado ampliar as discussões acerca da construção participativa dessa proposta, que tanto carece de revisões, porque confiamos que a educação revoluciona e insistimos em acreditar na escola que queremos alcançar: de qualidade, assertiva e verdadeiramente inclusiva!

Nessa busca, professor, as suas considerações e estudos sobre educação e planejamento foram estudadas pela comunidade escolar a que eu pertencço e isso culminou em um Projeto Político - Pedagógico escrito a muitas mãos, de forma democrática e sincera.

Nesse processo, admitir nossos limites doe. Saber que a escola que queremos alcançar ainda está distante é um desafio que todos estamos dispostos a enfrentar.

Constatarmos o que nos falta para ser o que desejamos demandou realismo e muita reflexão sobre de que tipo de sociedade e de pessoa humana queremos colaborar na formação. E, em meio a uma pandemia, concluímos que estamos aqui para formar cidadãos íntegros, solidários, analíticos, que defendem a ciência e que jamais deixarão de lutar e de acreditar em seus futuros. E, hoje, estamos caminhando para reduzir a distância entre a nossa prática atual e a ideal, e usamos o Protagonismo Juvenil como força motriz.

Estar como coordenadora do NEM me permitiu ampliar o contato com medos, inseguranças e anseios de estudantes e de professores. Percebo que planejar um Ensino Médio que realmente seja "Novo" perpassa, necessariamente, pelos desafios da falta de investimentos, de capacitação da equipe e, especialmente, de valorização dos docentes.

Em breve analogia à sua obra, como professora que ajudou a escrever o PPP e atual coordenadora, avalio que os sinais de vida e de morte dos professores estão em níveis críticos: Enquanto há o esgotamento pela falta de valorização, de instrumentalização e de formação para os novos componentes curriculares; por outro lado, sem romantizar nossa falta de estrutura, mas assumindo o Professor como uma das nossas potencialidades, vejo sinais vitais no grande empenho

docente para continuar estudando e se preparando, dando o seu melhor diariamente. Afinal, felizmente, professor é um ser inquieto e convicto do poder transformador da sua atuação.

Sendo assim, nosso planejamento de um Novo Ensino Médio está ancorado na tarefa de transformar a nossa prática educativa em algo cada vez mais significativo, crítico e criativo, a fim de colaborar para a construção da cidadania na perspectiva da autonomia e da solidariedade.

Para isso, assumimos o compromisso de considerar a pluralidade de visões das nossas juventudes e de alinhá-las com o que temos de melhor na escola: a sabedoria dos mais experientes para a construção de um ambiente democrático, colaborativo e que respeite a diversidade. É assim que alcançaremos a escola que queremos.

Enfim, desejamos que a estrutura do NEM seja revista para que ele, de fato, se torne futuramente nosso aliado para construirmos uma sociedade que seja capaz de continuar a luta histórica mineira pela manutenção dos nossos direitos.

Obrigada.

## REFERÊNCIAS

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. Planejamento: Projeto de Ensino-Aprendizagem e Projeto Político-Pedagógico – elementos metodológicos para elaboração e realização. 10ª ed. São Paulo: Libertad, 2002.

Boa tarde a todos.

Que momento especial! Estou muito feliz em estar com vocês para falarmos sobre planejamento. Essa ação que torna a vida mais fácil, prática e significativa. Com seus estudos, Professor Celso, pude ampliar meus horizontes e transformar meu fazer pedagógico, intervindo no meu ambiente de trabalho de forma ímpar.

Acredito que planejar seja o ato de mostrar ao outro que estou com ele, por ele e para ele, por isso entender “o chão da escola” faz com que, a cada ação, me aproprie mais e mais da realidade desenhada no ambiente em que atuo. Tarefa árdua, cansativa e desgastante, mas que nos faz pensar no verdadeiro sentido de educar. Pensar que podemos construir uma sociedade melhor me deixa muito empolgada! Vejo a escola como um ambiente de ressignificações, onde ensinamos a todo instante, onde conhecemos novos mundos, onde deixamos um pouco de nós e somamos um pouco dos outros em nós.

Eu, enquanto especialista do ensino fundamental, sinto-me assim: uma sonhadora, uma mola propulsora para estudantes e equipe docente, buscando, incansavelmente, tornar o caminho mais prazeroso, significativo e organizado. Desafios? Temos, não são poucos e não são simples. Falta tanta coisa que nem cabe aqui mensurar. Em cada aspecto que compõe a dinâmica escolar falta algo! Mas o que não pode faltar, como sua teoria, brilhantemente, nos convida a refletir, são os marcos que definem a filosofia e a metodologia de trabalho da instituição. Trazer a comunidade para ser protagonista de sua história, de sua evolução aprendi em seus livros. E foi através dessas leituras que reestruturamos nosso Projeto Político Pedagógico colocando, como marco significativo, nosso projeto de leitura que, hoje, faz a escola José Castro de Araújo ser reconhecida e admirada na região. Como é bom ouvir “você trabalha naquela escola que tem o projeto Clássicos Literários”? Para mim e para todos que lá trabalham ou trabalharam é motivo de muito orgulho. A cada nova edição do projeto, o deslumbramento com os trabalhos é maior! Acredito, professor, que ainda temos muito a caminhar e a aprender com seus estudos com a certeza de que iniciamos com pé direito esse percurso.

## REFERÊNCIAS

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. Avaliação da Aprendizagem – Práticas de Mudanças: por uma práxis transformadora. 9ª ed. São Paulo: Libertad, 2008.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. Planejamento: Projeto de Ensino-Aprendizagem e Projeto Político-Pedagógico – elementos metodológicos para elaboração e realização. 10ª ed. São Paulo: Libertad, 2002.

Venho de uma escola bem pequena, localizada no distrito de São Pedro de Caldas. Uma escola cuja maioria dos estudantes são oriundos da zona rural.

A equipe gestora da escola é uma equipe engajada que procura ampliar conhecimentos através da formação continuada. Dessa forma, mesmo tratando-se de uma escola modesta, os estudos do Professor Celso Vasconcellos estão frequentemente em nossas discussões.

Ouvi do professor, durante uma entrevista, uma frase que me fez refletir e da qual não me esqueço. Nela procuro pautar meu trabalho: “Para ensinar latim a João, você deve conhecer o latim e o João...” Essa frase fez muito sentido!

Conhecedores que somos da realidade ao nosso entorno, não é exagero dizer que nos é possível conhecer praticamente todos os Joões! Não conhecer de forma superficial, mas fazendo uma análise crítica dessa realidade, enfocando, assim, a primeira dimensão de um bom Planejamento.

Diante desse contexto, é impossível não nos envolver emocionalmente nesse processo de formação do qual fazemos parte e tentamos conduzir. Assim, apesar de ser pequena, os sonhos que residem na nossa escola são grandes e audaciosos, configurando a segunda dimensão do planejamento que é a projeção das finalidades.

Conhecendo a realidade de nossos estudantes, suas potencialidades e fragilidades, partimos para a terceira dimensão do Planejamento que é o Plano de Ação, levando-se em conta os nossos sonhos.

Para exemplificar o que foi explanado até aqui, citamos a realização do 1º Seminário de Formação de Pais “Quem ama, educa”. Um projeto que foi pensado a partir da análise da realidade local, quando percebemos uma dificuldade dos pais dos nossos estudantes ao lidar com questões emocionais e de saber lidar com os filhos diante do uso excessivo das telas.

Essa ação teve início com a visita de representantes da escola às famílias dos nossos estudantes, convidando-as para o evento. Foram três dias de formação, abrangendo palestras de diversos temas. Conseguimos estabelecer parcerias com setores públicos e privados, possibilitando a realização do Seminário.

Outro exemplo que podemos compartilhar é sobre o Planejamento sob a ótica das pesquisas do Profº Dr. Celso Vasconcellos aplicadas pela nossa equipe pedagógica no enfrentamento do problema da alta rotatividade dos professores. Orientamos a organização do Planejamento Anual e do plano de aula alinhados ao Currículo Referência de Minas Gerais e BNCC, sem perder de vista a identidade da escola, que é o nosso Projeto Político Pedagógico.

Um dos desafios que enfrentamos está relacionado à execução, em sala de aula, do que foi planejado. Observamos que um bom planejamento nem sempre condiz com uma boa prática!

Na sala de aula, o locus da aprendizagem, diversos fatores relacionados à prática pedagógica podem favorecer ou impedir que o planejado realmente aconteça: fatores emocionais, formação, didática, entre outros.

Retomamos aqui um dos ensinamentos do Professor Celso Vasconcellos, que diz: “Novas ideias abrem possibilidades de mudança, mas não mudam. O que muda a realidade é a prática.”

## REFERÊNCIAS

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. Planejamento: Projeto de Ensino-Aprendizagem e Projeto Político-Pedagógico – elementos metodológicos para elaboração e realização. 10ª ed. São Paulo: Libertad, 2002.

**Escola Estadual Professor Arlindo Pereira - Centro de Educação Politécnica  
Docente e Coordenadora do Ensino Médio**

O planejamento escolar é uma das questões fundamentais que perpassa a Educação e o papel do fazer docente, uma vez que, no âmbito escolar, o ofício do professor e as finalidades da educação impactam profundamente a vida de seus estudantes. Na biografização de si, (DELORY-MOMBERGER, 2008), que permite o olhar sobre a constituição de si como sujeito do seu próprio tempo, a experiência docente revela que um dos principais desafios é a proposição do “fazer sentido” - fazer com que a aprendizagem tenha sentido na vida do estudante e a necessidade da constituição da vida em comum, uma vida que seja sustentável para todos.

O saber é uma relação do sujeito com o conhecimento (CHARLOT, 2000). E o sentido só ganha corpo, quando o sujeito se relaciona consigo e com o mundo. A escola desempenha esse papel fundamental na constituição do sujeito. Segundo Vasconcellos (2002, p. 97): “para haver ensino é necessário estabelecer essa relação na aprendizagem”. Uma relação que envolve o autoconhecimento, o preparo de conteúdos acadêmicos, o planejamento e o conhecer da realidade do estudante que chega à escola. Essa escola, que representa uma “casa” de muitas famílias. Casa, no sentido de abrigo, de espaço de proteção tanto em sentido físico, quanto psicológico e intelectual. A escola atua como um espaço partilhado!

A realidade da rede escolar mineira é múltipla, atende estudantes do nível fundamental anos finais, do nível médio integral – EMTI profissionalizante e regular noturno, além da oferta de cursos de nível técnico profissionalizante. Os estudantes de nível médio integral chegam a estar cerca de nove horas diárias na escola, além de estudantes do período noturno, que buscam uma formação voltada para o mundo do trabalho. Então é uma grande responsabilidade que a escola faça sentido para cada estudante que entra no espaço escolar, uma responsabilidade que recai sobre cada docente como desafio. Desafio que exige esforço, dedicação e resiliência em seu percurso pessoal e profissional da autoconstituição de si como sujeito-docente.

Cada educador em seu percurso de formação profissional traz, em seu íntimo, que o ofício de ser docente é o seu grande Projeto de Vida! Um desafio que coloca em xeque, também, o papel da Educação do século XXI, que exige uma formação plena e completa para além da aprendizagem de habilidades e capacidades de ordem técnica e científica, envolve a constituição do autoconhecimento e a consciência de si. Uma consciência sobre o meio ambiente e a constituição de sujeitos capazes de se integrar na chamada “aldeia global” como membro produtivo da sociedade (DELORS, 2010).

Vivenciamos uma grande mudança que impacta, profundamente, o papel da escola e o fazer docente – experienciamos a antropologia do Antropoceno<sup>1</sup> – enquanto projeto de formação para uma existência em comum da humanidade. Fica a reflexão do que estamos fazendo de nós mesmos, no sentido da formação dos sujeitos (ARENDDT, 1997) – mais do que nunca a escola precisa fazer sentido!

---

<sup>1</sup> O Antropoceno é o período geológico que tem por marco a Revolução Industrial nos dias atuais. Pela definição de Bruno Latour, a antropologia do Antropoceno analisa os impactos deixados pelo ser humano no planeta e as formas como interagimos com o meio ambiente, em uma sociedade marcada pela intensificação industrial e amplo consumismo. Disponível em:  
<https://cee.fiocruz.br/?q=gaia-antropoceno-e-natureza-tres-conceitos-para-compreender-a-transicao-em-curso>.

## REFERÊNCIAS

ARENDT, Hannah. A condição humana. Trad. Roberto Raposo; posfácio de Celso Lafer. 8ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

CHARLOT, Bernard. Da relação com o saber: elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

DELORS, Jacques. Educação ou utopia necessária. In: DELORS, Jacques. Educação: um tesouro a descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Brasília: Faber Castel, 2010. p. 5-23. Disponível em: [https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000109590\\_por](https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000109590_por). Acesso em: 24 jan. 2020.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto. Prefácio de Pierre Dominicé. Tradução de Maria da Conceição Passeggi, João Gomes da Silva Neto, Luis Passeggi. Natal: EDUFRN: São Paulo: Paulus, 2008.

FIOCRUZ. Gaia, Antropoceno e natureza: três conceitos para compreender a transição em curso. Centro de estudos estratégicos da Fiocruz. 5 ago. de 2021. Disponível em: <https://cee.fiocruz.br/?q=gaia-antropoceno-e-natureza-tres-conceitos-para-compreender-a-transicao-em-curso>. Acesso em 16/10/2022.

VASCONCELLOS, Celso dos S. Planejamento: Projeto de Ensino-Aprendizagem e Projeto Político-Pedagógico – elementos metodológicos para elaboração e realização. 10ª ed. São Paulo: Libertad, 2002.

**Superintendência Regional de Ensino de Poços de Caldas  
Especialista da Educação Básica do Plano de Recomposição das Aprendizagens**

O Plano de Recomposição da Aprendizagem, mais conhecido como PRA, foi elaborado pela Secretaria de Estado de Educação (SEE) de Minas Gerais com vistas a recompor conceitos e habilidades prioritárias e que não foram trabalhadas em período pandêmico de 2020 e 2021, justamente pela dificuldade do ensino remoto em momento específico de isolamento social.

Porém, não apenas o ensino ficou prejudicado como também agravou-se a evasão escolar e cresceu o número de casos de problemas de saúde mental e emocional. E daí surge a questão de trabalhar numa tríade: habilidades socioemocionais, controle de evasão e superação das lacunas de aprendizagem. Isso porque a infrequência, o abandono escolar, ou as dificuldades de socialização ou de motivação são alguns elementos que impactam o baixo desempenho do estudante e, portanto, não há como se pensar em recomposição apenas na lógica da construção de habilidades, nem tampouco se imaginar um trabalho pedagógico apenas centrado na figura do professor.

Trata-se aqui de um planejamento que surgiu no âmbito institucional, haja vista que partiu da SEE para que todas escolas implantassem. O material orientador é um catálogo de habilidades previamente selecionadas do currículo de Minas e que são consideradas fundamentais para o avanço escolar dos estudantes, ou seja, caso não haja o domínio, dificilmente conseguirão desenvolver novas habilidades que dependem em algum grau, em alguma medida de algo prévio já consolidado.

O catálogo é apenas um documento inicial para a consulta por parte da equipe escolar. A seleção final das habilidades a serem trabalhadas, em sala de aula, isso é de autonomia do professor, conhecendo seus estudantes, sua comunidade escolar e seu Projeto Político Pedagógico. Assim, tratar dos impactos da poluição em uma realidade de comunidade rural é diferente de uma abordagem numa comunidade urbana, que é diferente de uma comunidade próxima a uma área industrial.

Por isso, além do objeto de conhecimento, o professor precisa reconhecer quem são seus alunos. Isso vai além do nome. É uma observação de sua materialidade concreta, no espaço que ocupam, como também de suas culturas, espiritualidade, perspectivas, sonhos. Nesse contexto é que o planejamento se apresenta artesanal, pois é a ponte que o professor constrói entre o conhecimento e seus estudantes.

Dessa forma, não deixa de ser uma articulação entre vários planejamentos. Numa comparação com as contribuições do Professor Celso Vasconcellos (2002), temos o Planejamento do Sistema de Educação, através do próprio PRA, o Planejamento da escola, o qual é o Projeto Político Pedagógico e desempenha papel fundante no diagnóstico da comunidade e uma projeção de como a escola

pretende contribuir com esse grupo e o Projeto de ensino-aprendizagem do professor, que se manifesta no plano anual e/ou no plano de aula.

Portanto, não se trata de assimilar simplesmente as diretrizes que chegam da rede estadual, mas de usar da autonomia que nos cabe, da responsabilidade e compromisso que temos com os nossos alunos e ressignificar o PRA com base na realidade atendida, objetivando formação de sujeitos que possam contribuir para uma sociedade mais democrática, mais inclusiva, mais acolhedora.

## REFERÊNCIAS

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. Planejamento: Projeto de Ensino-Aprendizagem e Projeto Político-Pedagógico – elementos metodológicos para elaboração e realização. 10ª ed. São Paulo: Libertad, 2002.

Para os profissionais da educação, o doutor em Educação, Professor Celso Vasconcellos, é uma referência. Suas pesquisas e publicações acerca da questão do planejamento, impactam positivamente minha prática docente, e, certamente, de incontáveis professores. Segundo Vasconcellos, “a atividade tipicamente humana, consciente está constantemente marcada por um ato de planejamento” (2002, p. 102), portanto, pode-se compreender que todo professor faz do planejamento uma parte de sua prática, seja por escrito, seja mentalmente.

Uma grande contribuição das pesquisas do Professor Celso, que devemos atrelar à nossa prática docente, é a compreensão de que todo planejamento precisa ter qualidade, mas para que isso aconteça, ele precisa estar articulado à realidade e às necessidades dos alunos. É necessário ao professor conhecer a realidade na qual sua prática será realizada, conhecendo a realidade da escola, da comunidade, dos alunos e, ainda mais importante, conhecer a si mesmo. Assim, o processo de ensino-aprendizagem poderá se tornar significativo para todos os que dele participam. E, ao se tornar significativo, “interioriza-se e passa a fazer parte da pessoa” (VASCONCELLOS, 2002, p.103).

Esse processo de ensino-aprendizagem, no qual o planejamento está inserido, apresenta muitos desafios. Um desafio que muitos professores vivenciam em sua realidade são os diferentes níveis de aprendizagem dos alunos dentro de uma mesma sala de aula. Importante destacar que essa diferença sempre existiu, não encontramos nas escolas turmas em que todos os alunos estão em um mesmo nível de aprendizagem, mas, esse foi um problema agravado pela pandemia recentemente vivenciada por todos nós. Com a necessidade do ensino à distância, muitos alunos não vivenciaram presencialmente partes muito importantes de sua aprendizagem e, no caso dos anos iniciais do ensino fundamental, em que é realizada a minha prática docente, essa parte importante da aprendizagem foi a alfabetização. Com o retorno presencial, as dificuldades e desafios foram muitos, e estão refletidos, ainda hoje, no cotidiano da sala de aula. Após a pandemia, tornou-se elevado o número de alunos com uma grande diversidade de níveis de aprendizagem, de necessidades diferenciadas, em uma mesma turma. Surgiu então a necessidade de repensar, refazer o planejamento, tornando-o um planejamento diferenciado. Os planejamentos diferenciados sempre fizeram parte da prática docente. Nós, professores, buscamos estratégias diferenciadas para alcançar alunos que apresentem necessidades diferentes do restante da turma, assim esses alunos poderão estar inseridos na aula. Mas, pós-pandemia, foram muitos alunos, e muitas necessidades diferentes, o que se tornou um grande desafio no contexto escolar.

O Professor Celso aponta ainda que o Projeto de Ensino-Aprendizagem deve abranger o trabalho pedagógico em sua totalidade, “qual seja, tanto do trabalho com o conhecimento, como da organização da coletividade, e do relacionamento interpessoal” (VASCONCELLOS, 2002, p. 113). Ou seja, ao planejar e colocar esse planejamento em prática, os professores devem levar em consideração, também, a formação humana de seus alunos e as relações interpessoais vivenciadas no cotidiano escolar. E, ao falar em relações interpessoais, aponto esse como um ponto muito positivo dos anos iniciais do ensino fundamental: a relação professor-aluno. Vivenciar todos os dias do ano letivo com a mesma turma nos permite estabelecer um vínculo e uma afetividade que se tornam algo muito importante no processo educativo e no planejamento, até porque “sabemos que a falta de relações humanas entre professor e aluno é um dos grandes entraves do trabalho educativo” (VASCONCELLOS, 2002, p. 113).

Outro ponto muito importante quanto ao planejamento é lembrar que ele não é imutável, pelo contrário, ele pode ser imprevisível, possibilitando ao professor a liberdade e o dever de modificar seu planejamento conforme as necessidades apresentadas por seus alunos durante o ano letivo. Assim, o Professor Celso diz que “o que dá sentido ao planejamento é esse desejo, esse compromisso, de fazer da melhor maneira possível” (VASCONCELLOS, 2023). Portanto, é imprescindível ao professor, em toda sua prática, buscar oferecer o seu melhor. Sabemos que não existe uma fórmula mágica que nos livre de falhas, mas é importante que possamos “re-significar o trabalho, buscar formas de enfrentamento e comprometer-se com a transformação da prática” (VASCONCELLOS, 2002, p. 133). E acredito que, se os professores escolheram essa profissão e optaram se inserir no mundo da educação, é preciso, com isso em mente, a cada aula, a cada planejamento, oferecer sempre o seu melhor!

## REFERÊNCIAS

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. Planejamento: Projeto de Ensino-Aprendizagem e Projeto Político-Pedagógico – elementos metodológicos para elaboração e realização. 10ª ed. São Paulo: Libertad, 2002.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. Planejamento. Youtube, 22 de fevereiro de 2023. Disponível em: [https://youtu.be/-agwCbs2xb4?si=JSXeEP1ArYj9\\_B-j](https://youtu.be/-agwCbs2xb4?si=JSXeEP1ArYj9_B-j). Acesso em: 10 de outubro de 2023.

**Escola Estadual Deputado Jales Machado  
Docente dos anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio em Tempo Integral**

Boa tarde aos presentes!

É um prazer conhecer o Professor Celso Vasconcellos pessoalmente.

Além disso, gostaria de agradecer ao convite para participar desta mesa, neste dia, juntamente com demais colegas, em particular, a Edilene, pois sinceramente não esperava por tal.

O que falar sobre Planejamento? Para mim, como professora na gestão de sala de aula, é algo essencial e inevitável, já que um docente não deve estar despreparado para a sua aula, sem um planejamento prévio, mesmo que este não conheça os seus futuros alunos, pois ainda não reconhece os sonhos destes. É importante demonstrar a eles que têm conhecimento sobre o assunto.

Lembrando que o planejamento é um mecanismo que pode e deve ser alterado se necessário. Sei que é mais complicado quando o docente pega turmas novas, para as quais ainda não lecionou. Planejar causa uma certa dificuldade, mas será amenizada com o reconhecimento. Enquanto que, ao lecionar para turmas em que já conhece os discentes, é mais fácil a elaboração e implementação de seu planejamento para a gestão de sala de aula.

Porém, alguns fatores são mais desafiadores que outros, como:

A heterogeneidade causada pelo o processo pós-pandêmico mostrou para o professor que ficou muito complicado elaborar um planejamento que abranja todas as necessidades que são encontradas numa sala de aula, inclusive conciliar os conflitos que se geram entre os próprios discentes, devido à disparidade de saberes;

Outro elemento relevante é a relação família-escola, pois, muitas vezes, a família vem efetuar a matrícula, não sendo presente em reuniões, palestras e divulgação de atividades. Isso dificulta a aproximação professor-aluno;

Temos, também, as redes sociais, falta maturidade para discernir o que é fake news ou não, além da prática de cyberbullying, que se torna um fator preocupante para a dinâmica de sala de aula.

Assim, o docente precisa de um preparo para abordar determinados assuntos, a fim de não gerar mais conflitos ainda e a aprendizagem ser significativa e não mecanicista. Eu sou de um ensino-aprendizagem mecanicista, mas reconheço que, para a geração atual, o ensino-aprendizagem precisa ter sentido e significado.

Na escola em que leciono, vale ressaltar, que o fator humano profissional independe de qualquer fator relacionado aos problemas que temos, como a infraestrutura, já que não possuímos nem a quadra para as aulas de Educação Física. Mas, tudo indica que, neste ano ainda, será retomada a reforma. São elaborados projetos e aulas diferenciadas, como construção/elaboração de vídeos,

escolha de mensagens, montagem de mural, piquenique literário, implantação e manutenção da horta, e, cabe destacar, a Feira do Conhecimento, que veio como uma obrigatoriedade, mas, hoje, faz a sensação da escola, pois eles adoram, já no início do ano letivo é a primeira coisa que perguntam “quando será?”. Além disso, para este ano ainda foi pensada a realização de uma “Noite Cultural” para resgatar a importância de conhecer a cultura à qual estão inseridos no Brasil.

Acredito que, além desses fatores desafiadores, o principal para o meu planejamento e de outros docentes é conseguir que os discentes desenvolvam o seu protagonismo, trabalho com uma faixa etária em que se precisa despertar esse desejo e é muito difícil, pois querem ser os coadjuvantes e não os protagonistas de suas histórias.

Devo considerar que há uma diferença no Ensino Médio em Tempo Integral e no Ensino Fundamental em Tempo Integral, que é o componente curricular Projeto de Vida, este auxilia no reconhecimento e desenvolvimento de metas e atitudes para que possam organizar as expectativas para o seu próprio futuro, porém não são todas as modalidades de ensino que tem este.

Para terminar meu relato, gostaria de aproveitar uma pergunta feita pelo professor Vasconcellos em um de seus livros, pois chamou muita a minha atenção: “Face a tantos desafios e dificuldades, quero continuar sendo professor?” (VASCONCELLOS, 2002, p. 106)

Sinceramente, depois de meus longos anos lecionando (que não vêm ao caso) com adolescentes e jovens, reconheço que fiz a diferença, ainda faço a diferença na vida deles e eles fazem muita diferença na minha vida. Independente dos desafios ao longo de minha jornada, eu sou feliz com a minha profissão.

Agradeço a atenção de todos os presentes!

## REFERÊNCIAS

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. Construção do conhecimento em sala de aula. 12ª ed. São Paulo: Libertad, 2000.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. Planejamento: Projeto de Ensino-Aprendizagem e Projeto Político-Pedagógico – elementos metodológicos para elaboração e realização. 10ª ed. São Paulo: Libertad, 2002.

**Doutor em Educação pela USP  
Mestre em História e Filosofia da Educação pela PUC/SP  
Pedagogo, Filósofo, Pesquisador, Escritor, Conferencista,  
Professor convidado de cursos de graduação e pós-graduação  
Foi Professor (Educação Fundamental, Ensino Médio, Ensino Superior, Pós-Graduação)  
Orientador Educacional, Coordenador Pedagógico e Diretor de Escola  
Consultor de secretarias de educação, responsável pelo Libertad - Centro de Pesquisa  
Formação e Assessoria Pedagógica**

**E-mail: celsovasconcellos@uol.com.br**

## **REFLEXÕES SOBRE O PROCESSO DE PLANEJAMENTO EM BUSCA DE UMA PRÁXIS TRANSFORMADORA**

Quando escrevemos um livro, sobretudo no campo das Ciências da Educação, não temos a menor noção de como será recebido pelos leitores, se será lido, no todo ou em parte, como será interpretado, que possível influência poderá vir a ter na vida de alguém.

Quando, como aconteceu nesta Mesa-redonda da Superintendência Regional de Ensino de Poços de Caldas/MG, tomamos contato com a repercussão de nosso livro na prática concreta destas educadoras, a alegria é enorme!

Os belos e consistentes relatos revelam que não se trata apenas de reprodução ou aplicação das ideias do livro Planejamento: Projeto de Ensino-Aprendizagem e Projeto Político-Pedagógico, mas de apropriação pessoal ou mesmo reinvenção, que é tudo que desejamos!

Minha profunda gratidão a Aline Jesus de Paula, Ana Paula Ferreira, Ana Paula Gilaverte, Beatriz Sales da Silva, Greice Aparecida Fernandes Carvalho, Jamille Jorge Almessane, Juliana Pinheiro de Toledo Bortoloto, Rachel Tristão Silva Matoso, Raísa Louise Reche, Renata Renier de Lima pelos relatos!

Agradeço também a Jamille pelo trabalho de organização do livro, a Edilene Mizael de Carvalho Perboni, mediadora da mesa, e a Gislene Venâncio Martins de Sousa, revisora!

Refletir<sup>1</sup> sobre o Planejamento não é tarefa fácil, dada sua complexidade, mas sobretudo a vivência que muitos docentes tiveram de um “planejamento” formal (burocrático), alienado (feito por outros) e alienante (desconectado da realidade e da intencionalidade maior da escola). Todavia, é fundamental uma vez que o Planejamento pode/deve ser um poderoso instrumento teórico-metodológico de mudança, da tão necessária transformação da prática educativa, de maneira que a

---

<sup>1</sup>.Este texto, revisto e ampliado, tem como referência básica Vasconcellos, 2019.

escola venha a cumprir sua função social de concretizar uma Educação Democrática e Humanizadora, em que se busca sincera e corajosamente a Aprendizagem Efetiva, o Desenvolvimento Humano Pleno e a Alegria Crítica/*Docta Gaudium* de cada um e de todos os educandos, pautada na Liberdade, na Justiça Social, na Autonomia Crítica, na Amorosidade, na Responsabilidade (por Si, pelo Outro e pelo Mundo) e na Cultura de Paz.

A rigor, planejar é uma necessidade humana radical, constituinte da humanidade. Num longuíssimo processo filogenético, constituímos-nos enquanto espécie *Homo sapiens sapiens* (aquele ser que sabe que sabe) porque nossos antepassados remotos não se conformaram (não se satisfizeram em ficar na fôrma) com o que estava dado e planejaram, projetaram. O ganho filogenético, o equipamento cerebral com capacidade de abstrair tem de ser atualizado por cada novo ser da espécie (ontogênese), na sua relação com o mundo. Ao contrário de outros animais, não nascemos prontos, nem programados. Constituímos-nos como pessoa por nossa atividade, que inclui os procedimentos de projeto, também agora não nos conformando com o que está dado, buscando o novo, transformando. Isto vale em termos individuais e coletivos. Se, enquanto seres simbólicos, temos ciência de que por detrás de toda prática (ou de toda decisão pela inação) sempre há uma representação mental, um entendimento, uma explicação, uma justificativa, uma ideia, uma concepção, um suporte reflexivo, uma *teoria (latu senso)*, uma mediação simbólica podemos afirmar que, num certo sentido, planejar sempre planejamos (planejamento implícito ou tácito). A grande questão é: com que rigor? Com que qualidade? O que transforma a realidade é a prática, não temos a menor dúvida disto. Mas não qualquer prática!

## **I PLANEJAMENTO: CONCEITO, FUNDAMENTOS E CAMPOS**

Planejar, enquanto processo (e não como ato isolado, pontual), é antecipar mentalmente ações a serem realizadas numa pauta temporal de um futuro determinado (e de forma congruente com aquilo que se almeja e que se tem), para atingir finalidades que suprem desejos e/ou necessidades, em relação a determinada realidade, e agir de acordo com o antecipado.

Implica duas fases (ou subprocessos):

### **Elaboração:**

A construção propriamente do plano;

### Realização Interativa:

A colocação em prática daquilo que foi planejado e o acompanhamento com a avaliação. Insistimos na realização **interativa** para superar um clássico problema: o professor/escola tem um planejamento e tem uma prática, só que a prática e o planejamento “não se conhecem”, pouco têm em comum, são justapostos. Vejam bem, não se trata de que “na prática a teoria é outra”, e sim de que na prática a teoria é aquela que de fato incorporamos!

Planejar é diferente de refletir no sentido geral, pois, embora o planejamento inclua a reflexão, corresponde a um tipo particular de reflexão (pensar na ação a ser realizada no futuro). As ideias não mudam a realidade. Como afirmamos, o que muda a realidade são as ações. Todavia, para que as ações provoquem a mudança que desejamos, devem ser pautadas, guiadas, por determinada intencionalidade (além de outros elementos, como a base objetiva da existência —influência daquilo que é histórico-cultural—, o contexto concreto da ação). É importante percebermos que existem muitas escolhas a serem feitas, decisões a serem tomadas, individual e/ou coletivamente. Se, efetivamente, abrimos mão do planejamento, lógicas exteriores vão se impor à escola.

Do ponto de vista teórico-metodológico, o planejamento tem algumas exigências fundamentais que devem ser satisfeitas. Implica uma vinculação estreita entre Análise da Realidade (onde estamos?), Projeção de Finalidades (para onde queremos ir?), e Elaboração de Formas de Mediação/Plano de Ação (o que fazer para diminuir a distância entre a realidade e a finalidade?)<sup>2</sup>. Ressalte-se que metodologicamente a ordem em que as dimensões são tratadas não é relevante (se iniciamos pela realidade ou pela finalidade)<sup>3</sup>. O importante é que o plano de ação (proposta de mediação) seja fruto da tensão entre a leitura da realidade e a projeção da finalidade. Por isto, quando não há empenho seja na compreensão da realidade, seja na explicitação das finalidades, o processo de planejamento fica comprometido, pela falta de tensão criativa (KUHN, 1987) para produzir um plano de ação transformador. Um problema relativamente comum é a mera justaposição de dados de realidade, objetivos e ações que não são próprios dos sujeitos que “planejam”, mas cópias de outros planos. Depois se diz que “o planejamento não funciona”. Na verdade, isto é uma farsa metodológica, e não um autêntico processo de planejamento.

Além disto, implica a realização em tempo determinado (seja de curto, médio ou longo prazo, porém devidamente explicitado). Elencar ações que não têm compromisso com sua colocação em

---

<sup>2</sup>.A rigor, são sete as dimensões da Atividade Humana como um todo: Sensibilidade, Motivo, Realidade, Finalidade, Plano de Ação, Ação e Avaliação. Para mais detalhes, ver o livro *Currículo: a Atividade Humana como Princípio Educativo*.

<sup>3</sup>.Na verdade, podemos até mesmo iniciar o processo de planejamento pela mediação, registrando algo que sabemos que funciona em nossa prática. Se o processo for sério, o sujeito (pessoal e/ou coletivo) vai posteriormente explicitar os dados da realidade que estão presentes e a finalidade que tem ao realizar aquela prática, mas que até então não estavam claros. Insistimos: o que importa é a tensão entre as dimensões.

prática, num determinado tempo, que não têm a ver com a realidade do âmbito da ação proposta, que não têm a ver com finalidades do âmbito da ação proposta, não é planejamento! Pode ser sonho, delírio, elucubração, listagem de práticas, exercício de criatividade, tempestade de ideias, memória de práticas realizadas, conjunto de eventuais possibilidades de ação, cópia, exercício de caligrafia etc., menos planejamento!

Existem muitos campos possíveis do planejamento relacionado à educação. É importante destacar que todos eles estão/devem estar intrinsicamente relacionados

#### CAMPOS DO PLANEJAMENTO NA EDUCAÇÃO

Nível	Modalidade
<b>Sistema de Ensino</b>	Planejamento Educacional <ul style="list-style-type: none"> <li>• PNE, PEE, PME, PDE Nacional</li> <li>• BNCC, Proposta Curricular da Rede</li> </ul>
<b>Escola</b>	Planejamento Escolar/Institucional <ul style="list-style-type: none"> <li>• PPP, PDE Escola</li> <li>• Proposta Curricular da Escola</li> <li>• Planos Setoriais</li> </ul>
<b>Sala de Aula/Ambiente de Estudo</b>	Planejamento Didático <ul style="list-style-type: none"> <li>• Projeto de Ensino-Aprendizagem-PEA/Plano de Curso/Plano de Estudo</li> <li>• Plano de Unidade/Sequência Didática/Projeto Didático ou Trabalho de Projeto</li> <li>• Plano de Aula</li> </ul>
<b>Pessoa</b>	Planejamento Pessoal <ul style="list-style-type: none"> <li>• Projeto de Vida (professor/aluno)</li> </ul>

O Planejamento Escolar é um processo complexo porque a educação escolar é complexa. Não deve ser artificialmente complicado, marcado pelo “pedagogês”, para “impor respeito”, “marcar território” (na linha do “você sabe com quem está falando?”). Quanto mais “fácil” (aligeirado, banalizado) o planejamento, mais difícil será a concretização do “planejado” (aquilo que foi jogado no papel). Lembrar: o papel aceita qualquer coisa. A transformação da realidade exige, entre outras coisas, mediação simbólica qualificada!

Há ainda um complicador do planejamento em geral: uma vez desencadeada, a ação passa a fazer parte da “ecologia da ação” (MORIN, 2000, p. 61), isto é, passa a interagir com outras ações já existentes (muitas vezes difíceis de serem percebidas previamente), ou com ações que são provocadas justamente pela ação desencadeada (reações de difícil previsão).

A educação escolar é importante e complexa demais<sup>4</sup> para ser feita na base da repetição mecânica, da “tentativa e erro” ou do improviso. A escola deve primar por sua característica *antropoplástica* (JAEGER, 1979), formadora do *anthropos* (arte de plasmar o ser humano).

<sup>4</sup>.Na escola contemporânea, temos a presença de todas as crianças/jovens (até por força de lei), por muitos anos (numa fase importantíssima da formação da personalidade), com jornadas cada vez maiores, e ainda com a ampliação das suas funções.

Podemos citar, então, as seguintes finalidades do Planejamento:

- Despertar e fortalecer a esperança na História como possibilidade (e não como fatalidade);
- Ser um instrumento de transformação da realidade;
- Resgatar a intencionalidade da ação (marca essencialmente humana), possibilitando a (re)significação do trabalho, o resgate do sentido da ação educativa;
- Combater a alienação: explicitar e criticar as pressões sociais e os eventuais compromissos ideológicos;
- Tomar consciência de que projeto está se servindo;
- Dar coerência à ação da instituição, integrando e mobilizando o coletivo em torno de consensos (provisórios);
- Superar o caráter fragmentário das práticas em educação, a mera justaposição de ações;
- Ajudar a prever e superar dificuldades;
- Fortalecer o grupo para enfrentar conflitos e contradições, a partir de um referencial comum;
- Possibilitar a tomada de consciência e a ocupação (e, a partir disso, o avanço) da Zona de Autonomia Relativa (ZAR) da escola e do trabalho de sala de aula;
- Racionalizar os esforços, o tempo e os recursos (eficiência e eficácia) utilizados para atingir **fins essenciais** do processo educacional;
- Diminuir o sofrimento, aumentar a realização, a alegria.

Uma das funções básicas do planejamento é a produção de sentido: afinal de contas, o que estamos fazendo na escola, na sala de aula, qual a finalidade maior de nosso trabalho, que ser humano desejamos formar, como vemos a realidade, o que vamos fazer para alcançar nossos objetivos? A atribuição de sentido é uma das necessidades humanas mais radicais. Como afirma Vygostsky: *Claro que não se pode viver sem dar, espiritualmente, um sentido à vida. Sem filosofia (a sua própria filosofia de vida pessoal), pode haver niilismo, cinismo, suicídio, mas não vida.*<sup>5</sup>

Viver num mundo que faça sentido é a grande busca do ser humano. Poderíamos dizer que, como seres incompletos, inconclusos (Freire), de falta, temos muitas fomes —afeto, justiça, beleza, transcendência—, além da fome de comida e de palavra. Rubem Alves (1984), fazendo esta articulação, diz que precisamos de *palavras para comer*. Desde muito cedo, cada ser humano, inserido no universo social, busca atribuir sentido ao mundo em que vive. O comportamento típico da inteligência é o de atribuir sentido. Como nos diz prof. Oswaldo Giacóia Junior, *o insuportável não é a dor, mas a falta de sentido da dor, mais ainda, a dor da falta de sentido*. O Planejamento, ao

---

<sup>5</sup>. Em carta para Levina, datada de 16 de julho de 1931, in van der Veer e Valsiner, 1996: 29.

articular Análise da Realidade, Projeção de Finalidades, e Plano de Ação, possibilita que os educadores (e educandos) atribuam sentido ao conjunto de suas práticas.

## PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO

As estruturas que vamos construindo na escola, os dispositivos pedagógicos que vamos elaborando são, antes de tudo, a concretização dos avanços que conseguimos, portanto, pontos de apoio para avançarmos ainda mais. Ao mesmo tempo, permitem que não precisemos “reinventar a roda”, ou termos de ficar na dependência da boa vontade individual, do humor momentâneo do outro. Não há estrutura ou dispositivo que garanta por si um bom trabalho educativo. Por outro lado, as estruturas e os dispositivos não são neutros: facilitam determinadas práticas e dificultam outras.

O Projeto Político-Pedagógico (PPP)<sup>6</sup>, antes de tudo, é uma espécie de Carta de Princípios onde, coletivamente, é expressa uma matriz axiológica, um conjunto de valores básicos que deve orientar as práticas, a maneira de ser da escola. A questão dos valores é absolutamente fundamental, uma vez que não é possível pensar-se com rigor a existência humana sem um conjunto de valores de referência. Pode-se questionar a relevância dos valores assumidos, sua consistência ou seu grau de coerência, mas não sua presença na vida concreta das pessoas e das instituições. Valor é um fim, algo para o qual a ação humana *pode e deve se dirigir*, aquilo que “vale a pena”; valor é o que dá sentido à atividade e, no limite, à vida.

O PPP é o plano global da instituição, é uma espécie de *documento de identidade*, a referência maior, de todas as atividades que se dão na escola. É a sistematização, nunca definitiva, de um processo de Planejamento Participativo, que se objetiva e se aperfeiçoa na caminhada (através da avaliação), a partir de uma clara intencionalidade (*Marco Referencial*), de uma leitura crítica da realidade (*Diagnóstico*), e da definição da ação educativa que se vai realizar (*Programação*), para diminuir a distância entre o que desejamos e o que estamos sendo.

---

<sup>6</sup>É sempre bom lembrar que não estamos nos referindo a Político no sentido partidário, e sim como equacionamento dos coeficientes de poder na *Polis* (Cidade Estado grega), a busca do Bem Comum.

Visão Geral da Elaboração do Projeto Político-Pedagógico

Partes	Significado	Função
<b>I-Marco Referencial</b>  1. Marco Situacional 2. Marco Filosófico 3. Marco Operativo	<b>Ideal</b>  O que desejamos. Tomada de posição: explicitação das opções e dos valores assumidos  Posicionamento: • Político • Pedagógico	• Tensionar a realidade no sentido da sua Superação/Transformação • Fornecer Parâmetros, Critérios para o Diagnóstico
⇕	⇕	⇕
<b>II-Diagnóstico</b>  Pesquisa + Análise ↓ Necessidades	<b>Busca das Necessidades</b>  A partir da Análise da Realidade e/ou da Comparação com o Ideal saber a que distância estamos do desejado	• Conhecer a realidade • Julgar a realidade • Chegar às Necessidades Radicais e Coletivas
⇕	⇕	⇕
<b>III-Programação</b>  • Ação Concreta • Linha de Ação • Atividade Permanente • Norma	<b>Proposta de Ação</b>  O que é necessário e possível ser feito para diminuir a distância	• Decidir a Ação para diminuir a distância em relação ao ideal desejado

O Projeto Político-Pedagógico, portanto, é a sistematização das opções, da visão de realidade, dos valores, do horizonte compartilhado, bem como das ações a serem desencadeadas para realizá-lo a partir da realidade em que a escola se encontra. Como “carteira de identidade” da escola, só que não estática ou formal, mas viva, dinâmica, é constituído por finalidades, leitura de realidade e planos de ação, além da ação e da avaliação. É um elemento de organização e integração da atividade prática da instituição no processo de transformação, na medida em que expressa o compromisso do grupo com uma caminhada.

O PPP ganha força nas Ciências da Educação a partir da tomada de consciência da escola como unidade de mudança. A referência básica de alunos, pais e professores é a sua escola. É a partir daí que as mudanças na prática educativa podem começar a ocorrer. Todavia, isto não vai se dar de forma espontânea, o que demanda a construção coletiva do projeto.

Apontamos as seguintes finalidades mais específicas do Projeto Político-Pedagógico:

- Ser elemento estruturante da identidade da instituição;
- Possibilitar a gestão democrática da escola: ser um canal de participação efetiva;
- Mobilizar e aglutinar pessoas em torno de uma causa comum, gerando solidariedade e parcerias;
- Dar um referencial de conjunto para a caminhada;
- Ajudar a conquistar e consolidar a autonomia da escola;

- Resgatar a autoestima do grupo: fazê-lo acreditar nas suas possibilidades de intervenção na realidade;
- Aumentar o grau de realização/concretização (e, portanto, de satisfação) do trabalho;
- Possibilitar a delegação de responsabilidades;
- Ajudar a superar as imposições ou disputas de vontades individuais, na medida em que há um referencial construído e assumido coletivamente;
- Colaborar na formação dos participantes;
- Ajudar a concretizar uma Educação Democrática e Humanizadora, uma escola que faz diferença, qual seja, onde há Aprendizagem Efetiva, Desenvolvimento Humano Pleno e Alegria Crítica/*Docta Gaudium* de cada um e de todos.

O projeto é uma espécie de “carta de garantia” para o aluno (e sua família), pois, com ele em mãos, pode questionar a coerência de cada prática da instituição (assim como pode ser questionado!).

Enquanto o grande “guarda-chuva”, o PPP é referência para todos os outros projetos e práticas no interior da instituição que planeja. De fato, há um enorme conjunto de ações, iniciativas, práticas da escola que precisam ser pensadas previamente: distribuição das turmas, horários das aulas, conselho de escola, conselho de ciclo, critérios para utilização e reorganização dos espaços e tempos, projetos que envolvem a escola como um todo, critérios para utilização dos recursos didáticos (brinquedos, jogos, informática, livros), reuniões de pais, arranjo físico das carteiras em sala, festas e celebrações, hora-atividade, materiais dos alunos, representantes de classe, monitoria dos alunos, atividades extraclasse, regras de convivência da escola, orientações para trabalho com Inclusão, revisão dos critérios de encaminhamento de alunos para serviços especializados, participação dos educadores nos espaços de formação etc.

Seja pela confiança nos anos de experiência, seja pelo aperto do tempo, é muito comum os educadores discutirem no planejamento do início do ano as atividades que realizarão, sem refletir com mais vagar sobre a finalidade (que estaria relacionada ao Marco Referencial – para quê) e a justificativa ou necessidade (que estaria relacionada ao Diagnóstico – por quê) daquilo que se vai fazer. É provável que esta concessão metodológica tenha seu preço... Uma prática que pode ajudar é, diante da proposta de ação (ex.: Festa Junina), fazer as perguntas básicas: Por quê? Para quê? E, inclusive, registrar as respostas junto com a proposta a fim de possibilitar o resgate de seu significado, superando também práticas que eram feitas “só por inércia” (“Sempre fizemos isto” ...).

## TRABALHO COLETIVO CONSTANTE

Para avançarmos em nossos objetivos, para criarmos as condições de concretizar o que foi planejado, o trabalho coletivo constante (Reunião Pedagógica Semanal-RPS, Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo-HTPC, Aula de Trabalho Pedagógico Coletivo-ATPC, Hora Atividade-HA, Jornada Especial Integral de Formação-JEIF, Tempo de Dedicção-TD etc.) é imprescindível, uma vez que possibilita a troca de saberes/experiências e sugestões; a participação do grupo nas decisões e elaborações de atividades; a abertura para o diálogo, a consciência de que podemos aprender com outras pessoas; a socialização de atividades ou propostas de trabalho; o trabalho de estudo de casos; a responsabilização coletiva visto que o educando é da escola; o saber contextualizado; todos os professores planejarem, executarem e avaliarem juntos; a participação efetiva dos educadores na gestão da escola; o planejamento do dia a dia (reflexão sobre o processo ensino-aprendizagem); a ecologia das ações (para que a iniciativa de um não acabe por anular a de outro, por falta de conhecimento e interação). O trabalho coletivo constante na escola, sobretudo nos dias atuais, é um verdadeiro espaço de saúde mental para os docentes.

Em termos de estrutura, as reuniões devem ser sistemáticas; fazer parte do contrato de trabalho do professor (remunerada); ter a participação dos professores e da direção; ser coordenada pela coordenação pedagógica; ser um espaço de tomada de decisão coletiva.

As tarefas a serem realizadas nas reuniões devem ter como referência maior a prática pedagógica, implicando reflexão, partilha, sistematização, estudo, avaliação, (re)planejamento e celebração (da vida, das conquistas do grupo).

## PROJETO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

A observação direta do cotidiano escolar (assim como diversas pesquisas de campo) revela práticas bastante significativas, avanços e conquistas pedagógicas. Todavia, revela também muita dor, sofrimento, angústia por parte de professores (e alunos). Sabemos que o que nos dilacera não é só a carga de trabalho, mas, sobretudo, a falta de sentido do trabalho. Uma das contribuições básicas do planejamento é, justamente, ajudar a sofrer menos (*Eu sustento que a única finalidade da ciência está em aliviar a miséria da existência humana* – BRECHT, 1991), realizar mais, resgatar a potência, a alegria (ESPINOSA, 1979). Nesta medida, o planejamento é uma mediação para a preservação (ou resgate) da saúde do educador!

O planejamento do trabalho de sala de aula, o projeto de ensino-aprendizagem (também chamado de plano de ensino, plano de curso, plano didático, plano de trabalho, plano de estudos), tem importante papel na atividade docente (e discente). Entre os vários níveis de planejamento educacional, este é um dos mais próximos da prática do professor e dos alunos. Costuma ser

organizado para um determinado período (semestre, ano, ciclo), sendo mais detalhado no decorrer do processo.

O núcleo duro, digamos assim, da elaboração do planejamento de ensino-aprendizagem é composto por aquelas três dimensões teórico-metodológicas que, embora perfeitamente interligadas, são irreduzíveis, qual seja, cada uma corresponde a um aspecto essencial do planejamento não contemplado pela outra:

- Análise da Realidade (onde estamos?)
- Projeção de Finalidade (o que queremos?)
- Elaboração do Plano de Ação (o que fazer para, saindo de onde estamos, atingir o que queremos?)

Uma das manifestações da interligação das dimensões é a recorrência. Isto significa que cada uma delas pode ser mais bem definida num processo de aproximações sucessivas, e não necessariamente numa sequência linear (p. ex.: primeiro teria de se esgotar a Análise da Realidade para só depois explicitar a Finalidade).

Em termos mais específicos, vemos as seguintes finalidades do Projeto de Ensino-Aprendizagem:

- Possibilitar a reflexão crítica do professor sobre sua prática (neste sentido, é um instrumento de autoformação); elaborar um plano seriamente é também uma maneira de nos conhecermos melhor;
- Aumentar a alegria, o grau de realização/concretização (satisfação) do trabalho;
- Desfrutar do prazer de conhecer (a realidade do campo de intervenção) e de concretizar (aquilo que foi planejado);
- Organizar a proposta de atividade de ensino;
- Potencializar a contribuição do professor; não basta o docente saber muito sobre o conteúdo a ser ensinado; é preciso resgatar o movimento conceitual (história do conceito, sua gênese e desenvolvimento), e organizar a exposição, a apresentação, o fluxo da expressão e interação sobre o objeto de conhecimento para favorecer a aprendizagem;
- Ser um instrumento de comunicação com os colegas, com a equipe escolar, com os alunos, pais e comunidade; o trabalho do professor tem uma dimensão coletiva, portanto, a explicitação da proposta de trabalho é relevante para possibilitar a articulação sistemática e crítica com os colegas; particularmente, com os alunos tem um papel muito importante enquanto expressão do “contrato de trabalho”;

- Favorecer a pesquisa sobre a própria prática;
- Possibilitar o melhor uso dos recursos;
- Dar maior segurança ao professor;
- Favorecer o processo de avaliação emancipatória tanto da aprendizagem quanto do ensino;
- Superar a expropriação a que o professor foi submetido em relação à concepção e ao domínio do seu quefazer (contra o desperdício da experiência), resgatando sua condição de sujeito de transformação;
- Ajudar a concretizar a Educação Democrática e Humanizadora, uma escola que faz diferença: Aprendizagem Efetiva, Desenvolvimento Humano Pleno e Alegria Crítica/Docta Gaudium de cada um e de todos.

A ressignificação do planejamento só se completa pela prática, qual seja, pelo vivenciar sua eficácia: aquilo que “foi para o papel” acontece e ajuda a mudar a realidade; quando o projeto é, de fato, uma referência para a atuação.

### ELABORAÇÃO DO PROJETO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Em termos de elaboração, não há um caminho único para o professor construir seu projeto de ensino: pode partir de alguns dados da *realidade* ou de alguns *objetivos*; colocar no papel aquilo que vem à cabeça, sem preocupação maior de sistematização; deixar o inconsciente, a intuição, a sensibilidade trabalhar um pouco. Depois, começa a organizar as ideias, confrontar; daí vão surgindo alguns elementos do *plano de ação*. É um processo recorrente, onde não há uma gênese absoluta. O registro possibilita tomar consciência, sistematizar, criticar e superar.

## Projeto de Ensino-Aprendizagem



O importante na elaboração é chegar ao confronto crítico entre as dimensões metodológicas básicas (*Realidade, Finalidade, Plano de Ação*): p. ex., as propostas de ação são coerentes com a realidade e com os objetivos visados, ou há uma mera justaposição?

Feita uma primeira elaboração, o professor a leva para a sala de aula como uma orientação geral, que vai ser completada ou revista a partir do conhecimento da turma, da apresentação da proposta, da discussão e negociação com os alunos.

De um ano para outro, o professor inova, responde aos apelos da realidade, mas sem desprezar a cultura pedagógica acumulada, aquilo que ainda é válido da prática de sala de aula; desta forma, supera tanto as “folhas amareladas” (todo ano é a mesma coisa) quanto a ditadura da novidade (todo ano tudo deve ser diferente).

O planejamento é uma maneira de nós (re)apropriar do trabalho. De um modo geral, há uma tendência de o professor ser um mero objeto de um processo. O planejamento é um caminho para ele se aproximar, retomar a sua autoria. “Mas existe um currículo preestabelecido...” Isso é um fato. Todavia, a existência de uma proposta curricular preestabelecida não significa que o professor simplesmente tenha que segui-la cegamente. Tomemos, como exemplo, um professor de Matemática do 6º ano. Considerando que o tripé básico do planejamento é Realidade, Finalidade e Plano de Ação, aquele rol de conteúdos que normalmente são trabalhados em Matemática, no 6º ano, inicialmente entraria em que parte do Projeto de Ensino-Aprendizagem? Como um dado de realidade, como uma finalidade que quer atingir ou como um plano de ação? É muito comum os professores acharem que deve entrar no Plano de Ação. Ora, se o professor simplesmente toma aquele bloco de conteúdos e lança-o no Plano de Ação, estará abrindo mão do seu papel de planejador, do seu papel de professor.

Em princípio, aqueles saberes que normalmente são trabalhados no 6º ano entram como um dado de realidade, já que, até o momento do processo de planejamento do professor, isso é o que são: um dado de realidade. Agora, a partir de outros elementos da realidade, e a partir das finalidades que tem, irá decidir o que e como daquele bloco irá para o Plano de Ação. Por exemplo, o professor assume uma classe e está sabendo que alguns saberes previstos para o 5º ano, não foram trabalhados. Ele não é professor de conteúdo; é professor de aluno! Então, fará as devidas adequações. O seu Plano de Ação efetivo poderá contemplar aqueles saberes comumente trabalhados no todo, na parte, aqueles saberes podem ser reduzidos, podem ser ampliados, ter a ênfase modificada, alterar a ordem etc. Então, mesmo num sistema, digamos padronizado, num sistema de um currículo previamente definido, existe sempre essa Zona de Autonomia Relativa (ZAR) do professor, esse seu grau de liberdade, onde se faz autor, se faz sujeito do processo educativo, e não um mero executor.

O pano de fundo deste processo de construção do projeto de ensino-aprendizagem é o Projeto Político-Pedagógico da instituição, bem como o trabalho coletivo constante (as reuniões pedagógicas semanais, a hora-atividade), onde o plano é partilhado, discutido, articulado interdisciplinarmente, avaliado, reformulado.

Em relação aos saberes, os professores estão atentos às suas diferentes modalidades: Conceitual, Procedimental e Atitudinal:

Modalidades de Saberes

Modalidade	Significado	Abrangência
<b>Conceitual</b> ("saber")	Representações mentais ou conteúdos da consciência	Conhecimento de fatos, fenômenos, conceitos, princípios, leis, categorias, saberes, ideias, teorias, imagens, esquemas, informações
⇕	⇕	⇕
<b>Procedimental</b> ("saber fazer")	Esquemas/Mecanismos operatórios do sujeito	Domínio de habilidades ( <i>savoir-faire</i> ), aptidões, procedimentos, destrezas, capacidades, método de pesquisa, desenvolvimento de operações mentais, hábitos, saber pensar; aprender a aprender
⇕	⇕	⇕
<b>Atitudinal</b> ("ser/saber ser, saber conviver, querer saber e querer fazer")	Disposições do sujeito; modos de agir/postura, sentir, valorar, e se posicionar	Envolvimento, interesses, atitude, postura, valores, posicionamento, convicções, preocupações, incorporação de normas ou regras, vontades, sentimentos; crenças, pré-conceitos

O que tem acontecido com muitos professores que já avançaram é terem o projeto de ensino-aprendizagem como uma referência geral. Depois, no cotidiano, na medida em que vão trabalhando com projetos temáticos, temas geradores, complexos temáticos, o plano de ensino serve como um elemento de confronto, para ver se seus pontos básicos estão sendo, de alguma forma e em algum momento, contemplados. Há uma prática que costuma ser muito interessante dos professores da Educação Infantil e, sobretudo, da 1ª fase do Ensino Fundamental que é o *Semanário*, onde é feita a

programação mais detalhada do trabalho a ser realizado na semana. Algumas redes de ensino já articulam também o projeto de ensino-aprendizagem com o diário de classe, que passa a ter uma função de autêntica referência e registro da caminhada, para além do seu caráter de controle formal e burocrático.

Uma das maiores demandas que os docentes costumam apresentar em relação aos planos de ensino é quanto ao como **interessar** os alunos. Ora, é preciso reconhecer que o projeto de ensino, enquanto tal, não tem este poder, uma vez que para favorecer a motivação, na esfera que cabe ao professor, há vários fatores: conhecimento da turma, domínio do objeto de conhecimento, domínio das teorias de aprendizagem, conhecimento de técnicas de ensino, disposição pessoal para o ensino, estar inteiro na atividade, não ter preconceito em relação aos alunos, criação de clima favorável para a aprendizagem em sala de aula etc. De outro lado, depende também das condições objetivas disponíveis. O que o planejamento faz é justamente **apontar estas várias necessidades**, lembrar, através de sua própria estrutura, como tais aspectos são importantes, funcionando como uma espécie de orientação do que é preciso para um bom trabalho. Suas dimensões metodológicas apontam o arcabouço, todavia quem deve preenchê-lo é o professor (e o aluno). Se o docente tem um rol significativo de competências, o projeto ajuda efetivamente; caso contrário, apenas indica necessidades a serem supridas.

### TRABALHO POR PROJETOS

Inicialmente, cabe destacar que diferentes denominações são utilizadas para esta atividade pedagógica: Pedagogia de Projeto, Método/Metodologia de Projetos, Trabalho por/com Projetos, Projetos de Trabalho, Procedimentos de Projeto, algumas inclusive que podem até induzir a erro de entendimento, como Projeto Didático (confusão com Projeto de Ensino-Aprendizagem) ou Projeto Educativo ou Projeto Pedagógico (confusão com Projeto Político-Pedagógico).

Podemos citar ainda como perspectivas correlatas: Centro de Interesse (Decroly), Estudo do Meio, Solução de Problemas, Unidade Didática (EUA), Complexos Temáticos (Pistrak), Atelier/Oficina (Freinet), Mapas Conceituais (Novak), Abordagem Reggio Emilia, Temas Geradores (Freire), Fazer a Ponte (J. Pacheco) etc.

Qual o sentido de se trabalhar com projetos? O Trabalho por Projetos visa superar alguns problemas básicos do ensino mecanicista:

- Mobilização do Sujeito (*versus* estudar algo porque “tem que” estudar, porque faz parte do programa, porque “chegou a hora”, porque está na “árvore do conhecimento”...). No Trabalho por Projetos o educando vai atrás de algo que faz sentido para ele. Em termos de construção

de significado há uma grande diferença entre partir de um conteúdo preestabelecido de uma determinada disciplina e partir de uma situação-problema.

- Atividade do Educando (*versus* passividade ou ação alienada). A construção do conhecimento não se baseia na exposição do professor, mas na pesquisa e interação do aluno com colegas e professor.
- Integração dos Saberes (*versus* fragmentação: saberes são apresentados desvinculados das relações que os geraram; sujeito sabe uma coisa, sabe outra, porém não sabe a relação entre elas, o que daria o sentido).
- Dimensão Formativa pelo exercício da liberdade (*versus* estar tudo determinado). O Trabalho por Projetos possibilita o escolher e o arcar com as consequências da escolha (responsabilidade). Isto, certamente, só pode acontecer quando há liberdade, que aliás tem um importantíssimo papel na mobilização para a aprendizagem.

O ensino verbalista, instrucionista, *bancário*, dá a sensação de que todos aprenderam tudo (já que o professor transmitiu a mesma mensagem para todos). No entanto, sabemos que se trata de um engodo, pois pouco tempo depois os alunos já esqueceram quase tudo (memória de curta duração), uma vez que não houve efetiva construção do conhecimento.

### Possível Roteiro para o Trabalho por Projetos

- Sensibilização/Problematização
  - O que se quer Saber/Fazer → Escolha do Tema/Assunto

A base do Trabalho por Projetos é precisamente a intrínseca **busca de sentido** que acompanha o ser humano. Não fosse esta busca, faltaria o impulso, o desejo de saber, a curiosidade epistemológica (Freire) que é o elemento dinamizador dos projetos
- Constituição dos grupos de trabalho
- Justificar opção feita
- Elaboração de outras perguntas (detalhamento do que se quer saber/fazer, e do que se sabe; negociação de objetivos. Este momento de negociação da temática é importante seja para verificar a efetiva pertinência/interesse do que está sendo proposto, seja para envolver a todos

- Plano de Trabalho (estabelecimento dos procedimentos de trabalho; levantamento das possíveis fontes de pesquisa; marcação de prazos). De um modo geral, não há tempo predeterminado; pode ser curta, média ou longa duração, de acordo com a complexidade do tema e do envolvimento da turma
- Desenvolvimento/Pesquisa
- Síntese
- Apresentação/Ação
- Avaliação: Processual (ao longo das atividades; refletir sobre o percurso, reformular as ações ou o próprio projeto) e Síntese (no momento em que sujeito se considerar preparado).
- Integração dos conhecimentos/globalização
- Registro-Síntese (surgimento de novos problemas a serem pesquisados) (VASCONCELLOS, 2017b, p. 189).

O elemento disparador para o projeto pode ser uma dúvida (da turma e/ou de um colega); um texto, livro, notícia, filme, peça; um passeio exploratório; alguma vivência em sala; um acontecimento na comunidade; uma provocação do docente; ou projetos anteriores.

Em termos de modalidades de inserção do aluno no projeto, podemos ter: criação (quando aluno propõe um projeto novo); reelaboração (quando aluno entra num projeto já existente e o modifica); compartilhamento (quando aluno passa a fazer parte de um projeto já existente). E a modalidade “imposição”? A imposição pode acontecer em relação a uma prática didática, mas não a um Projeto, pois nega um dos seus fundamentos básicos: a livre adesão do sujeito!

Quanto ao trabalho com a temática do projeto, as modalidades podem ser: todos alunos com o mesmo tema; grupos com subtemas; grupos com temas diferentes; eventualmente, tema individual.

### **Modalidades de Utilização**

Podemos identificar diferentes modalidades no uso de projetos na escola:

- Projeto didático autônomo (é um projeto localizado, que não tem a ver com dinâmica de trabalho pedagógico como um todo), seja da escola (ex.: Projeto Cidadania; Projeto Lixo é um Luxo), seja da disciplina/área: utilização de um ou outro projeto dentro da disciplina (ex.: Projeto Nossa Cidade Antigamente; Projeto Feirinha de Compras; Projeto Brinquedo; Projeto as Cores da Vida)
- Disciplina(s) por projeto (a disciplina, a matéria como um todo é organizada através de projetos)

- Currículo por projeto (a escola como um todo trabalha com projeto).

Em grandes linhas, podemos dizer ainda que os projetos na escola podem visar o estudo (entendimento, busca de significação), a intervenção (chegar a uma ação de mudança da realidade) e/ou vivência (ex.: valores).

### Alguns Possíveis Equívocos

- Trabalho com Projeto representar uma forma de demissão do professor; o professor pode entender que não tem mais papel, desistindo do processo de ensino-aprendizagem. No tempo em que acreditava em algo, não abria mão dos conteúdos; agora que perdeu os mapas, deixa os alunos escolherem o que quiserem...
- Deixar de trabalhar conteúdos essenciais, cair no espontaneísmo, não sistematizar (várias escolas que trabalham com projetos têm aqui um nó: não se garantir a aprendizagem dos alunos dos conceitos básicos).
- Projeto ser usado como estratégia de sobrevivência, forma de entreter os alunos (“aula agradável”).

## II-PLANEJAMENTO: A QUESTÃO DA POSTURA DO PROFESSOR

Infelizmente, para vários colegas o planejamento ainda é visto como “colóquio flácido para acalantar bovinos” (conversa mole para boi dormir). De fato, se o que, efetivamente, guia o professor é a estampagem (*imprinting*) instrucionista que recebeu logo no início do ensino fundamental (e que a formação frágil que recebeu na academia não conseguiu extrojetar), se o que está em questão é apenas reproduzir o que está dado, para quê planejar?

Historicamente, muitas foram (e ainda são...) as distorções na prática do planejamento na educação e na escola: elaboração do plano de ensino como mera exigência burocrática; fazer para o outro (coordenação, secretaria), e não como instrumento de trabalho; plano era entregue, engavetado, sem ser analisado por ninguém. Professor sequer ficava com uma cópia do plano; plano não era retomado (não havia espaço coletivo constante de replanejamento – Reunião Pedagógica Semanal, HTPC/ATPC); professor era cobrado autoritariamente em cima do que tinha escrito; não havia uma linha comum de trabalho em escola (PPP); caráter tecnicista dos planos; “venda de fórmulas infalíveis” (ex.: preenchimento do plano com “verbos de ação”, de acordo com uma certa taxionomia); dependência do livro didático; formação frágil do professor no campo da Didática e do Planejamento.

Um dos erros mais clássicos é esse de o “planejamento” ser para o outro, “para o papel”. Todo mundo já ouviu falar, por exemplo, de um professor de Literatura que, desconfiando que a Coordenação Pedagógica nunca iria ler o seu plano, fez a capa do plano de Literatura, pediu o plano da colega de Matemática, tirou cópia, grampeou a capa do plano de Literatura no de Matemática e até hoje, passados não se sabe quantos anos, nunca ninguém reclamou... Ou seja, teve certeza que aquele plano era só para “inglês ver”, só para entregar, para “cumprir tabela”.

Tudo isto, certamente e com razão, provocou (e provoca) muita resistência nos professores aos procedimentos de planejamento. Todavia, se a prática pedagógica já é difícil com planejamento, será bem pior sem ele. O Planejamento não é panaceia, mas um instrumento de luta.

O empenho no Planejamento (Querer) depende de o Professor sentir:

- **Necessidade de Planejar**

- Complexidade da Atividade (sentir que precisa da mediação simbólica mais elaborada para qualificar a ação e alcançar o que deseja); algo muito simples não pede um planejamento mais elaborado
- Responsabilização pelo resultado (sentir-se pessoalmente envolvido na obtenção do resultado esperado). Se o resultado só depende dos outros (como se não houvesse a Zona de Autonomia Relativa-ZAR do professor e da escola), não há sentido planejar

- **Desejo de Planejar**

- Estar Vivo (desejar ser um bom professor, querer realizar algo, desejar ensinar aquilo, querer que aluno, de fato, aprenda)!
- Importância da Atividade (convicção, compromisso, desejo efetivo que aquilo que se está planejando aconteça)

- **Representação Pessoal da Possibilidade de Planejar:** do ponto de vista do empenho no planejar, a questão, em princípio, estaria resolvida analisando o Querer do sujeito, que é a *energética da ação* (PIAGET, 1978, p. 13). Ocorre que, embora o Poder não gere o Querer, a representação que o sujeito/grupo que planeja tem sobre a **possibilidade** (Poder) de sua realização acaba funcionando como uma espécie de fator modulador do Querer, qual seja, aquilo que, inicialmente, era reconhecido pelo sujeito como importante e complexo, pode ser ressignificado se ele passar a entender que não há viabilidade de sua realização. Este é um elemento ao qual devemos prestar muita atenção.

- Planejabilidade da Ação (aquilo pode ser planejado, ou é complexo demais?). É possível planejar algo quando existe uma certa **regularidade** naquilo que se planeja (se for algo absolutamente aleatório, não tem sentido planejar) e, ao mesmo tempo e contraditoriamente, existe uma certa **plasticidade** naquilo que se planeja (se for algo totalmente imutável, também não há sentido planejar)
- Viabilidade da Ação (seja da Atividade que se está planejando-aquilo pode acontecer, seja da própria Ação de Planejar -ex.: ter tempo na escola para o planejamento).

Com todas as mudanças que estão ocorrendo no mundo, em nosso país e no campo da educação, há uma urgência em se repensar a prática pedagógica. Pela primeira vez na História, a instituição Escola está em risco de extinção e por diferentes frentes: desde a falta de professores para assumirem as aulas (baixa atratividade da docência), as plataformas digitais de ensino, a educação a distância, a inteligência artificial generativa, o avanço do ensino doméstico, até a violência contra os mestres e a depredação das instalações escolares. Ocorre que inovar não é nada fácil.

Muitos professores veem o planejamento como uma “camisa de força”, algo que iria cercear sua liberdade, restringir sua criatividade, inibir sua capacidade de improvisar e de inovar em sala de aula e na escola. Paradoxalmente, entendemos que é justo o contrário: para sair do “esquema escolar” (*imprinting* escolar instrucionista – VASCONCELLOS, 2017b), da gramática escolar, do “piloto automático”, das quase milenares práticas instrucionistas, do ensino bancário (Freire), temos de planejar e muito bem, caso contrário somos devorados pelas estruturas e pressões existentes, pela incrível inércia da prática, e acabamos caindo naquele caminho já tão trilhado e tão familiar a todos, mas que leva a resultados nefastos seja em termos de aprendizagem, de desenvolvimento e/ou de realização dos alunos.

Improvisar não é tão fácil como parece inicialmente, justamente porque a ação do professor não vai se dar num campo novo, mas num espaço já fortemente configurado por formas de organização, rituais, normas, determinações, materiais, costumes. Existem múltiplos elementos, artefatos e mentefatos, que se traduzem em pressões, mais ou menos explícitas, que nos levam a reproduzir, a repetir o que sempre fizemos: direção, coordenação ou supervisão pedagógica, expectativa internalizada dos pais, colegas do ano seguinte, colegas do mesmo ano, outras escolas, supervisão escolar, mantenedora, mercado de trabalho, meios de comunicação, os próprios alunos já condicionados, nós mesmos(!), exigências legais, dias letivos, carga horária, seriação, organização dos alunos em classes, horários de aula, base curricular, programas, livros-texto, espaços, recursos, sistema de avaliação da escola, exigências de vestibulares, avaliações externas, exames, uso obrigatório de plataformas etc. *A tradição de todas as gerações mortas oprime como um pesadelo o*

*cérebro dos vivos* (MARX, 1986, p. 17). É claro que coisas boas acontecem sem planejamento; todavia probabilidade de que isto ocorra é muito pequena, sobretudo quando pensamos não em termos individuais, mas coletivos, e numa instância com tantos condicionamentos como a educação escolar.

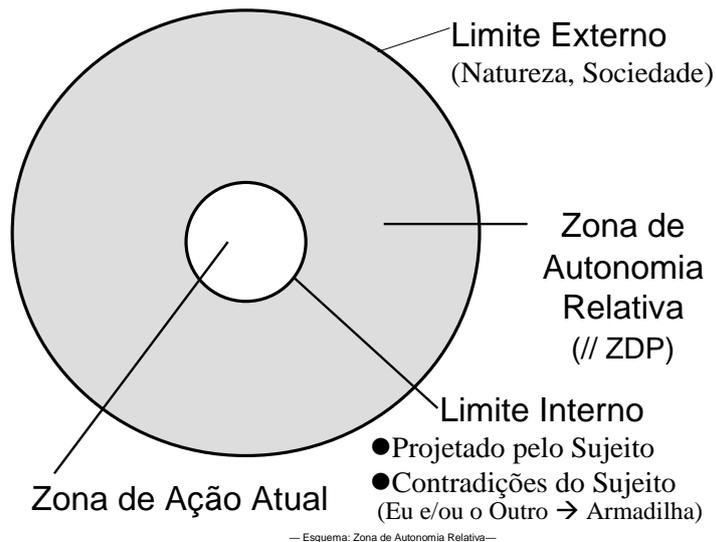
Um dos maiores desafios do planejamento escolar talvez seja justamente esse de resgatar a vitalidade, o sentido, entender o planejamento como elemento de *práxis*, uma mediação metodológica que ajuda a fazer essa aproximação entre a teoria e a prática.

### ZONA DE AUTONOMIA RELATIVA (ZAR)

Existem limites que transcendem o sujeito, grupo ou instituição, uma vez que estão dados por fatores naturais ou sociais mais amplos. Sabemos dos limites de qualquer ser humano e de qualquer instituição: há um princípio de realidade a ser encarado. É preciso saber lidar com a nossa não-onipotência: não podemos tudo. Lembramos aqui de fatores como a formação inicial disponibilizada aos professores, o salário, o número de alunos em sala de aula, a legislação, as normas, os limites de tempo, espaço, recursos, o perfil da comunidade etc. Evidentemente, estes limites não são absolutos, mas históricos, o que significa que, de diferentes formas e em diferentes medidas, podem ser quebrados e superados, correspondendo mesmo a um autêntico compromisso com a conquista de uma Educação Democrática e Humanizadora.

Todavia, com muita frequência, o limite que limita efetivamente a ação dos sujeitos e da instituição não é este externo, e sim um outro que tem a ver com a autolimitação e/ou com as contradições dos próprios sujeitos, individual ou coletivamente considerados.

Como vimos, o planejamento contribui para a tomada de consciência, a ocupação e o avanço da Zona de Autonomia Relativa (ZAR) da escola, do trabalho de sala de aula. A ZAR é o espaço entre o limite externo (dado pela Natureza e pela Sociedade) e o limite interno (dado pela projeção imaginária e/ou pela efetiva contradição do sujeito/grupo) da ação do sujeito e/ou de uma determinada instituição (VASCONCELLOS, 2017b, p. 222).



Normalmente, os educadores têm muito presentes os limites externos, e não se dão conta que os limites internos são os que estão, em grande parte, restringindo a ação possível no momento. Quando tomamos consciência dos limites internos, isto é, aqueles sobre os quais temos controle de imediato, um conjunto de possibilidades de práticas se abre. A ZAR configura-se justamente como um espaço possível para se caminhar, para se iniciar um novo *currículum* escolar.

A Zona de Autonomia Relativa revela que temos o que fazer já, coisas que não só estão ao nosso alcance como também que, caso não as desenvolvamos, ninguém poderá fazê-las em nosso lugar (por exemplo, no momento da dificuldade do aluno em sala), tendo, portanto, uma repercussão ética (atuar sobre um campo que é de nossa responsabilidade). Ao mesmo tempo, revela-nos que temos espaços para lutar contra a lógica maior que dificulta nossa prática. A ZAR mostra que a mudança não é fruto de condições ou pessoas “excepcionais”, mas de explorar possibilidades, o *ainda-não* (Bloch), o *inédito viável* (Freire).

### RESSIGNIFICAÇÃO DO PPP

Em função das distorções históricas, cabe (re)conhecer, acolher e enfrentar as representações mentais —dúvidas, preconceitos— dos educadores em relação ao Projeto Político-Pedagógico.

Enfrentando Argumentos Contrários ao Projeto Político-Pedagógico

Argumento	Possível Núcleo de Bom Senso	Possível Contra-Argumentação
<b>É teórico</b>	De fato, a elaboração do projeto é um momento teórico-metodológico que demanda reflexão, diálogo, estudo, partilha, sistematização (não tem como ser “prática”)	Prática é o que vai ocorrer a partir da elaboração, de forma qualificada, consciente e crítica. Lembrar que o projeto, na perspectiva dialética, implica tanto a elaboração quanto a realização interativa, justamente para não ficar só em “palavras alusivas” <sup>7</sup>
<b>É só blábláblá; não funciona, é fora da realidade, é perda de tempo</b>	Palavras bonitas que foram ditas e escritas e nunca colocadas em prática. Propostas feitas totalmente fora da realidade. Só um papel escrito não garante alteração da prática	A concretização do projeto depende da qualidade política (grau de envolvimento e compromisso na elaboração e na realização do PPP) e da qualidade formal (rigor teórico-metodológico), além de algumas condições objetivas
<b>Na prática, a teoria é outra</b>	Na sua vivência, o professor já teve contato com vários discursos que pareciam desconhecer a realidade em que atua	Por detrás de toda prática sempre há uma teoria. Que teoria irá pautar nossa prática? Vamos tomar consciência e optar, ou seguir reproduzindo mecanicamente? Temos conhecimento dos níveis de consciência? Na prática, a teoria é aquela que de fato internalizamos, e não necessariamente aquela que temos afinidade
<b>É muito complicado</b>	De fato, a construção de um PPP não é uma tarefa simples	A educação escolar é uma das atividades mais complexas do ser humano. O rigor na elaboração do projeto apenas expressa isto. O projeto não deve ser artificialmente complicado só para ficar “um texto bonito”, para mostrar que a escola domina as novidades teóricas da Pedagogia. Quem entendeu realmente é capaz de dizer de maneira simples (não simplista!). Este deve ser o esforço da escola. A própria metodologia de construção, através da participação de cada um, ajuda a fugir das “formulações academicistas”, do “pedagogês”, das famigeradas citações seguidas de mais citações
<b>É exigência da mantenedora</b>	Há mantenedoras que fazem exigência formal, burocrática	Será que a atitude imatura, meramente reativa, por parte da escola em relação à mantenedora é a mais adequada? (“Não vamos fazer só porque a mantenedora está exigindo”) O projeto faz sentido ou não? Se faz, vamos nos envolver independentemente de ser ou não exigência da mantenedora
<b>Sua construção é muito demorada</b>	Em algumas escolas, fica-se anos elaborando, o que provoca um grande desgaste	É preciso colocar um limite de tempo para a elaboração do PPP
<b>Não temos condições de elaborar</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>•<i>Objetivas</i>: em muitas escolas, não se garantiu ainda o espaço de trabalho coletivo constante (reunião pedagógica semanal); em outras, sequer se pode parar para elaborar o projeto (“E os dias letivos?”). O professor trabalha em várias escolas para poder sobreviver. Há dificuldade de participação dos pais</li> <li>•<i>Subjetivas</i>: a formação do professor, de um modo geral, é frágil</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>•<i>Objetivas</i>: questão de prioridade na gestão do tempo. De que adianta “não se perder tempo” (“Temos de cumprir os 200 dias, as 800 horas”) com a elaboração, e depois perder-se quase todo o tempo administrando as crises e conflitos advindos da falta de horizonte, de articulação? É um grande equívoco. É urgente cuidar-se da remuneração dos profissionais da educação. Sempre há um grupo de pais dispostos a participar</li> <li>•<i>Subjetivas</i>: a metodologia participativa de elaboração do PPP parte de onde os sujeitos estão. O próprio processo de construção é formativo, na medida em que as concepções iniciais serão problematizadas, discutidas, superadas</li> </ul>

<sup>7</sup>.Numa analogia: é bom andar de trem; todavia, se não houver o momento de colocar os trilhos, a partir de um plano, o máximo que conseguimos é olhar a paisagem a partir de um vagão... parado!

<b>Já temos o Regimento, para quê mais um papel?</b>	O Regimento tem uma função importante de dar sustentação formal, legal ao funcionamento da escola	Projeto e Regimento são elementos com funções bem diferentes. O Projeto é/deve ser o norteador do Regimento. Sabemos que, em algumas escolas, o Regimento foi feito antes do PPP. O risco é a escola, ao elaborar (ou refazer) o PPP, ficar presa ao Regimento anterior. O processo deve ser inverso: elaborar-se o PPP e depois refazer o Regimento para dar base legal ao Projeto. O Regimento deve estar a serviço do PPP, e não o contrário
<b>Já temos o Projeto; só não está sistematizado</b>	Sempre existem ideias pautando as práticas	Será que existe “o” projeto ou “os” projetos? Quando não está sistematizado, quando não há documento de referência construído coletivamente, há o risco de existirem vários projetos convivendo, sem tomada de consciência, sem articulação entre si e até em conflito
<b>Já tenho o meu planejamento de sala de aula; já sei o que devo fazer na escola</b>	O PPP não exclui o planejamento didático de cada professor	O PPP atua no nível geral da escola. Sabemos que muito do que acontece em aula é reflexo do contexto escolar, que não pode ser relegado. Além disto, as pesquisas (Saeb, Pisa) revelam que grande parte dos alunos não está efetivamente aprendendo o que deveriam. É preciso pensar o conjunto da escola
<b>Eu trabalho há mais de 20 anos; antes não tinha nada disso e a escola ia muito bem, obrigado</b>	Não havia a prática de explicitar o projeto educativo da escola, de se ter uma visão crítica e coletiva	Os tempos são outros. Há uma profunda crise de sentido da escola, da docência, em função de mudanças na sociedade, na escola, na sala de aula e na relação entre elas. É preciso dar uma resposta crítica e coletiva
<b>Enquanto não mudar a Sociedade, o Sistema de Ensino, não adianta ficar fazendo projeto</b>	A escola não é uma ilha; sofre condicionamentos; muito do que acontece na escola é reflexo do contexto maior	Ocorre que o reflexo não é mecânico, mas mediado por sujeitos concretos, por nós mesmos, inclusive. Na mesma rede de escolas, nas mesmas condições objetivas locais, vemos escolas e professores com práticas e resultados bastante diferentes. Existe sempre uma Zona de Autonomia Relativa (ZAR) da escola! O projeto é uma forma de tomar consciência, ocupar e ampliar este espaço

Indagamos: sem um planejamento mais consciente e crítico, a escola funciona? É triste dizer, porém temos de admitir que sim... Este é o problema: o trabalho escolar pode ser mal feito! Uma ponte mal feita cai; um dente mal curado dói; um processo jurídico mal encaminhado perde a causa. Já com a escola é diferente: de alguma forma, acaba acontecendo, pois há uma inércia, há estruturas, lógicas, determinações, materiais, tradições, contratos, rotinas, horários. Cabe indagar com rigor: será que o que está em pauta é simplesmente funcionar ou conseguir uma prática fundada numa intencionalidade emancipatória? O planejamento, insistimos, é uma forma de combate à alienação do trabalho.

Por tudo isto, entendemos que **Planejar é Preciso!**

### RESSIGNIFICAÇÃO DO PEA

Temos uma imagem a preservar, temos um senso de sobrevivência, não queremos nos expor ao ridículo, nem ficar numa situação constrangedora; só quem não tem um mínimo de autoestima é que não se preocupa com o que virá pela frente. Se não estamos planejando explicitamente

(sistematizando, registrando) é porque julgamos que o que temos assimilado é suficiente, “dará conta do recado”, dado que já passamos outras vezes por aquela situação. Embora reconhecendo que cada experiência é única, confiamos na regularidade do real. Na *preparação* para a aula, é muito comum o professor pensar em termos de conteúdo: se domina o assunto, não sente necessidade de se debruçar mais detidamente sobre o plano; simplesmente o elabora mentalmente: “Bem vou falar sobre isto e aquilo, que são aspectos básicos” (planejamento tácito). A questão, insistimos, não é se planejamos ou não, mas a qualidade desta atividade.

Quando não há exercício rigoroso e crítico de planejamento, a tendência é o improviso ou a repetição/reprodução. Uma vez que o improviso não é tão simples de acontecer, como analisamos acima, dadas as estruturas e amarras todas, a tendência é a reprodução das práticas arcaicas e equivocadas da escola.

### Superando Preconceitos em relação ao PEA

O Projeto de Ensino-Aprendizagem, não poucas vezes, não é muito bem-visto por educadores, em função de experiências negativas anteriores ou de alguns (pré)conceitos:

- **Formalismo**

(“O planejamento é só mais uma formalidade, uma burocracia, um papel que temos que entregar”). Pela tradição formal da escola, muitas vezes o planejamento é encarado como um dispositivo burocrático, “algo a mais”: além de tudo o que o professor já faz, teria ainda de fazer o tal do plano a fim de “entregar” para alguém. Entendemos que, muito pelo contrário, o plano não é nem externo nem estranho ao seu cotidiano, pois visa justamente dar conta dos desafios postos pela realidade e, antes de tudo, é feito pelo professor (e não por outro) e para ele mesmo (e não para o outro) ter melhores condições de reflexão e ação. O planejamento não deve ser entendido como algo para o outro. No paradigma tradicional, o outro prometia e o outro devia fazer. No paradigma emergente, eu prometo para eu mesmo cumprir; nosso grupo promete para ele mesmo realizar (além, evidentemente, de cobrar que o outro cumpra aquilo que é da sua responsabilidade e que tem a ver com o coletivo, com a instituição). Tentando ser o mais claro possível: o planejamento do trabalho de sala de aula, antes de mais nada é para o professor e seus alunos, e não para a coordenação ou direção; o planejamento do trabalho da escola, antes de tudo é para a própria escola e não para a secretaria de educação ou para o MEC. Não estamos, evidentemente, negando as férteis e necessárias possibilidades de interação, mas enfatizando que o plano é um caminho de construção de autoria (e, conseqüentemente, de autonomia). Planejamento é instrumento de intervenção, de transformação da realidade. Do ponto de vista das condições objetivas, há necessidade de se garantir o espaço de

trabalho coletivo constante (reunião pedagógica semanal) que possibilite o planejamento enquanto processo, o tempo de dedicação do professor na escola sem atividade de ensino, bem como a remuneração digna do professor para que dê menos aulas e tenha tempo para planejar.

- **Ineficácia**

(“Não funciona”; “É fora da realidade, vai para o papel e nada acontece”). O planejamento, no seu autêntico sentido (não naquele distorcido historicamente) é justamente um instrumento para nos ajudar a descobrir o que é possível de ser feito (dentro do que é necessário), a Zona de Autonomia Relativa – ZAR. Tem um caráter eminentemente prático, de ajudar a localizar as possibilidades de ação. Portanto, se “foi para o papel” e não aconteceu é porque, grosso modo, não foi bem desenvolvido (falha na elaboração e/ou no compromisso de realização), salvos os casos de efetiva imprevisibilidade no momento da elaboração.

- **“Tenho tudo na cabeça”**

(“Para quê fazer plano, se já sei tudo que vou fazer?”). Explicitar o plano é uma forma de socializar (elaboração não ficar só com o professor; ajudar a criar a cultura pedagógica da escola); comunicar (a alunos, colegas, família, equipe escolar); poder melhor avaliar.

- **Imprevistos**

(“Para quê planejar se, na prática, existem tantas incertezas, tantos imprevistos?”). Cabe distinguir dois tipos de imprevistos:

- **Imprevisibilidade:** decorrente do intrincado movimento do real, do imponderável jogo das intencionalidades (uma vez que nossa ação foi desencadeada, entra em interação com outras intenções, e pode até mesmo provocar reações impensáveis a priori – ecologia da ação - MORIN);
- **Não-previsão:** decorrente da *razão indolente* (SOUSA SANTOS, 2000), da falta de empenho em se tentar apreender os diversos condicionantes da prática. Nesta segunda situação, o grau de “imprevistos”, de fato, é consideravelmente ampliado.

O Projeto de Ensino-Aprendizagem não deve ser uma “camisa de força”, um dogma a ser seguido a todo custo, uma vez que não anula as incertezas, a possibilidade de ocorrência de imprevistos. Todavia, isto não deve servir de alibi para não planejar. Ao contrário, será bem mais fácil enfrentar os imprevistos se tivermos uma estrutura, uma organização: leitura de realidade,

finalidade, plano de ação. A partir da nova leitura de realidade (onde o imprevisto foi detectado), faremos alterações no plano de ação, de forma a atingir o objetivo que tínhamos nos proposto (em alguns casos, dependendo do significado do imprevisto, poderá até haver alteração do objetivo, e a elaboração de um novo plano de ação).

## CONCLUINDO

Não há “receita” infalível, não há como garantir absolutamente o sucesso de uma atividade. A própria reflexão teórica vai até certo ponto; depois, é preciso partir para a ação, onde novos elementos (condicionamentos, possibilidades, desafios) surgirão. Há uma questão de ordem ontológica: *a dificuldade para cumprir uma série de propósitos está ligada precisamente ao fato de que é necessário transformar a dinâmica do pensamento, com sua fluidez e liberdade, na dinâmica rígida e resistente da ação real* (VYGOTSKI, 1997, p. 267). Todo o processo reflexivo caminha no sentido de nos ajudar a ter uma intervenção a mais adequada possível (daí também a necessidade da avaliação). Temos a crença de que, através da coragem e da constante busca de formação, os educadores podem enfrentar os dilemas profissionais, descobrir suas Zonas de Autonomia Relativa e exercer de forma mais plena sua tão relevante tarefa social.

Insistimos que o planejamento não tem superpoderes, mas pode ser assumido de forma a ajudar o(s) educador(es) a olhar, com cuidado e profundidade, seus alunos e sua realidade, bem como a pensar, sistematizar, ressignificar seu trabalho, produzir sentido, encontrar caminhos, perscrutar aquilo que tem de bom, dar o melhor de si em função das necessidades postas pelos educandos.

Planejar é uma profunda forma de respeito pelo aluno. É um ato de amor!

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. Palavras para comer. In: Estórias de quem gosta de ensinar. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1984.
- ANASTASIOU, Léa das Graças Camargo. Metodologia do Ensino Superior: Da Prática Docente a Uma Possível Teoria Pedagógica. Curitiba: IBPEX, 1998.
- BARBIER, Jean-Marie. Elaboração de Projetos de Acção e Planificação. Porto: Porto Editora, 1996.
- BLOCH, Ernst. O Princípio Esperança, vol. 1. Rio de Janeiro: EdUERJ/Contraponto, 2005.
- BOUTINET, Jean-Pierre. Antropologia do Projecto. Lisboa: Instituto Piaget, 1996. (há edição pela Artmed)
- BRECHT, Bertolt. Vida de Galileu. In: Teatro Completo, v. 6, 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- CHABRIS, Christopher e SIMONS, Daniel. O Gorila Invisível e outros equívocos da intuição. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.
- COMÉNIUS, João Amós. Didáctica Magna - tratado da arte universal de ensinar tudo a todos, 3ª ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1985.
- CORAZZA, Sandra M. Planejamento de Ensino como Estratégia de Política Cultural. In: MOREIRA, Antonio Flavio B. (org.). Currículo: Questões Atuais. Campinas, Papirus, 1997.
- ESPINOSA, Baruch de. Ética. In: Os Pensadores, 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- FERREIRA, Francisco Whitaker. Planejamento sim e não: um modo de agir num mundo em permanente mudança, 5ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- FREIRE, Paulo. Extensão ou Comunicação, 4ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- GANDIN, Danilo e CRUZ, Carlos H.C. Planejamento na Sala de Aula. Porto Alegre: 1995.
- GESSER, Verônica. O Planejamento Educacional: da gênese histórico-filosófica aos pressupostos da prática. Curitiba: CRV, 2011.
- JAEGER, Werner. Paidéia – a formação do homem grego. São Paulo: Martins Fontes, 1979.
- KUHN, Thomas S. La Tensión Esencial. México: Fondo de Cultura Economica, 1987.
- LIBÂNEO, José C. Didática. São Paulo: Cortez, 1991.
- LIMA, Lauro O. A Escola Secundária Moderna, 11ª ed. Rio de Janeiro: Forense, 1976.
- LUCKESI, Cipriano C. Elementos para uma Didática no Contexto de uma Pedagogia para a Transformação. In: Simpósios da III Conferência Brasileira de Educação. São Paulo, Loyola, 1984.

- MARX, Karl. O 18 Brumário e Cartas a Kugelmann, 5ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986.
- MASETTO, Marcos T. Aulas Vivas. São Paulo: MG Editores Associados, 1992.
- MEIRIEU, Philippe. Entre planejamento necessário e decisão improvisada. In: O Cotidiano da Escola e da Sala de Aula: o fazer e o compreender. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- MORIN, Edgar. A Cabeça Bem-Feita: repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- OTT, Margot. Planejamento de aula: do circunstancial ao participativo. In: Planejamento e Participação - Revista de Educação da AEC (54). Brasília: AEC, 1984.
- PIAGET, Jean. A Psicologia da Inteligência. Lisboa: Livros Horizonte, 1978.
- PRIGOGINE, Ilya. O Fim das Certezas: tempo, caos e as leis da natureza. São Paulo: Editora Unesp, 1996.
- ROJO, Roxane H.R. Modelização Didática e Planejamento: duas práticas esquecidas do professor? In: KLELIMAN, Angela B. A Formação do Professor: perspectivas da lingüística aplicada. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001.
- SOUSA SANTOS, Boaventura de. A Crítica da Razão Indolente: contra o desperdício da experiência. São Paulo: Cortez, 2000.
- Van der VEER & VALSINER, Jaan. Vygotsky: uma síntese. São Paulo: Loyola, 1996.
- VASCONCELLOS, Celso dos S. Formação didática do educador contemporâneo: desafios e perspectivas. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Prograd. Caderno de Formação: formação de professores didática geral. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011. v. 9, p. 33-58.
- \_\_\_\_\_ Planejamento do Trabalho de Sala de Aula: Projeto de Ensino-Aprendizagem. In: Revista Pátio Ensino Fundamental, n. 69. Porto Alegre: Grupo A, fevereiro/abril 2014.
- \_\_\_\_\_ Indisciplina e Disciplina Escolar: fundamentos para o trabalho docente, 4ª reimpressão. São Paulo: Cortez, 2015.
- \_\_\_\_\_ Avaliação da Aprendizagem: Práticas de Mudança - por uma práxis transformadora, 14ª ed. São Paulo: Libertad, 2017a.
- \_\_\_\_\_ Currículo: A Atividade Humana como Princípio Educativo, 4ª ed. São Paulo: Libertad, 2017b.
- \_\_\_\_\_ O Projeto de Ensino-Aprendizagem como Instrumento de Gestão do Trabalho em Sala de Aula. In: Coordenação do Trabalho Pedagógico: do projeto político-pedagógico ao cotidiano da sala de aula, 15ª ed. São Paulo: Libertad, 2017c.
- \_\_\_\_\_ Planejamento: Projeto de Ensino-Aprendizagem e Projeto Político-Pedagógico, 24ª ed. São Paulo: Libertad, 2017d.

\_\_\_\_\_ Projeto Político-Pedagógico: considerações sobre sua elaboração e concretização. In Coordenação do Trabalho Pedagógico: do projeto político-pedagógico ao cotidiano da sala de aula, 15ª ed. São Paulo: Libertad, 2017e.

\_\_\_\_\_ Reflexões sobre o planejamento e algumas de suas interfaces com o projeto político-pedagógico e a avaliação. In: MARIN, Alda Junqueira [et al.], orgs. Didática: saberes estruturantes e formação de professores. Salvador: EDUFBA, 2019.

VEIGA, Ilma P. A. (org.). Lições de Didática. Campinas, SP: Papirus, 2006.

VIGOTSKY, Lev. Teoría de las Emociones: estudio histórico-psicológico. Madrid: Akal, 2004.

VYGOTSKI, Lev S. El problema del retraso mental. Fundamentos de Defectología. Obras Escogidas V. Madrid: Visor, 1997.

XAVIER, Maria Luisa M. e DALLA ZEN, Maria Isabel (org.). Planejamento em Destaque: análises menos convencionais. Porto Alegre: Mediação, 2000.

WALLON, Henri. As Origens do Pensamento na Criança. São Paulo: Manole, 1989.

**FOTÓGRAFO**

NTE - Núcleo de Tecnologia Educacional da Superintendência Regional de Poços de Caldas

**DATA DAS FOTOS**

16 de outubro de 2023















REALIZAÇÃO:

**SEVEN**  
publicações acadêmicas

ACESSE NOSSO CATÁLOGO!



[WWW.SEVENPUBLI.COM](http://WWW.SEVENPUBLI.COM)

CONECTANDO O **PESQUISADOR** E A **CIÊNCIA** EM UM SÓ CLIQUE.